

UNQUIET



MAURITÂNIA • CHAPADA DAS EMAS • EGITO • NORUEGA

ALL NEW

OUTLANDER

O HÍBRIDO
CARREGADO
DE LUXO.

DESACELERE. SEU BEM MAIOR É A VIDA.



AFRICA CREATIVE/™

DEPOIS DO OUTLANDER,
VOCÊ DEIXA DE CONTAR
A VIDA EM ANOS E PASSA
A CONTAR EM QUILOMETROS.

O novo Outlander Híbrido Plug-in 2026 não é só um SUV sofisticado de 7 lugares. Ele é um convite para deixar a rotina de lado e criar memórias na estrada.

Com um conforto que surpreende desde o momento em que você entra no carro, ele faz cada km valer tanto quanto o destino. E, mesmo com tudo isso, o que mais importa está do lado de fora da janela: nas paisagens intocadas em que só a tração 4x4 elétrica, com 7 modos de condução, é capaz de te levar.



HÍBRIDO PLUG-IN
COM 7 LUGARES
E 11 AIRBAGS



BANCOS
COM MASSAGEM
E AQUECIMENTO



TRAÇÃO 4X4 ELÉTRICA
COM 7 MODOS
DE CONDUÇÃO



CENTRAL
MULTIMÍDIA DE 9"
E CÂMERA 360°

4X4
É MITSUBISHI

8 ANOS
DE GARANTIA
DA BATERIA

WWW.OUTLANDER.COM.BR



C6 Invest

A sua casa global
de investimentos.



Baixe o app e
abra sua conta



Sumário

016	360 – Natureza, silêncio, identidade e compromisso socioambiental: a tendência do luxo
036	48 Horas – Entre tradição e vanguarda: Seul para descobrir intuitivamente
038	Sustentabilidade – A memória traduzida em artesanato por mãos femininas em Goiás
042	Festivais – Programe-se: tudo o que vai rolar pelo mundo em 2026
046	Biblioteca – Uma viagem literária pela cultura ancestral das civilizações
050	Check-In – Faça as malas: lançamentos de alta performance para viajar sempre
052	Brasil – Parque Nacional das Emas, um santuário da memória ecológica do Cerrado
062	Cultura – A fascinante descoberta do Egito ao ritmo do Nilo, o rio eterno
076	Arte – Kistefos: herança industrial e arte contemporânea na Noruega
088	Esporte – Aventuras de verão nos resorts suíços de Zermatt e Crans Montana
098	Proudly – Bilbao: um roteiro <i>queer</i> nada tradicional na capital do País Basco
102	Ensaio – Entre cavernas e montanhas, a natureza é tema e causa de Marcio Cabral
110	Gastronomia – Vinhos com personalidade e sabores extremos no Valle de Guadalupe
118	Aventura – Mauritânia e a ousada travessia do deserto: segredos e tesouros do Saara
130	Natureza – Lições de conservação e vivência plena na savana sul-africana
144	Crônica – O encontro que marcou e mudou a vida de Ruy Tone no Himalaia
146	Inspiradores – Jane Goodall, uma vida devotada ao planeta



O BTG é para quem espera mais do seu estilo de vida

Aqui tem benefícios para comprar, viajar e investir em qualquer momento de vida. Abra sua conta e tenha um banco completo, com benefícios para viajantes e cidadãos do mundo, disponível onde você estiver.

Para quem espera
mais de um banco



“Você não pode passar um único dia sem ter um impacto no mundo ao seu redor. O que você faz, faz a diferença. E você tem que decidir que tipo de diferença você quer fazer.”

Jane Goodall



C6BANK

UNQUIET
Movement is life

PUBLISHER
Corinna Sagesser

Diretor Editorial
Fernando Paiva (*in memoriam*)

Diretor Executivo
André Cheron

Diretora de Conteúdo
Nathalia Hein

Consultor
Erik Sadao

Diretor Comercial
Ricardo Battistini

Diretor de Arte
Ken Tanaka

Editor de Arte
Raphael Alves

Gerente de Marketing e Conteúdo Digital
Luciana Lancellotti

Coordenadora Digital
Patricia Poli

Produtora de Conteúdo Digital
Karina Perussi

Projeto Gráfico
Ken Tanaka e Raphael Alves

Gerentes de Contas e Novos Negócios
Mirian Pujol e Ney Ayres

Colaboraram neste número
Texto: André Dib, Carolina Sagesser Rodrigues, Corinna Sagesser, Daniella Romano, Erik Sadao, Kaike Nanne, Lalai Person, Luciana Lancellotti, Marisa Ribeiro, Nathalia Hein, Pimpa Brauen, Ruy Tone e Walterson Sardenberg Sº
Fotos: Alamy, André Dib, Getty Images, Istock Images, Marcio Cabral, Marina Bandeira Klink, Pimpa Brauen e Victor Collor
Ilustração: Antonio Tavares e Jaime Diakara Dessano
Revisão: Paulo Kaiser

CAPA
Marina Bandeira Klink

Custom Editora Ltda.
Av. Nove de Julho, 5.593, 9º andar – Jardim Paulista
São Paulo (SP) – CEP 01407-200
Tel. (11) 3708-9702
revistaunquiet@customeditora.com.br

Assinaturas revistaunquiet.com.br/assine

A versão digital está disponível no site revistaunquiet.com.br



Hub de conteúdo: A Editora Custom presta serviços de *branded content* para empresas, produzindo e publicando conteúdos customizados em todos os canais da marca UNQUIET.



Editorial

Em algum momento, todos nós atendemos ao chamado da aventura. É aquele impulso quase silencioso de deixar para trás o cotidiano e partir, seja em direção ao desconhecido, seja ao reencontro com lugares que já nos transformaram. Em um mundo cada vez mais conectado, as possibilidades parecem infinitas. Dos desertos imensos às montanhas majestosas, há sempre um destino à espera dos viajantes UNQUIET. Nesta edição, reunimos alguns dos cenários mais fascinantes do planeta: Egito, Mauritânia, África do Sul, México, Noruega e a Chapada das Emas, no Brasil

Na Mauritânia, atravessamos o Deserto do Saara em busca de cidades antigas que já foram ponto de chegada e partida das cruzadas no século XII, redutos de saber e espiritualidade em meio a areias infinitas. Entre dunas e oásis, conhecemos a rica cultura berbere, cuja tradição nômade resiste ao tempo e preserva uma forma de viver profundamente conectada à terra.

Seguimos para a África do Sul, onde dias imersos na natureza, cercados pela vastidão da savana, nos reconectaram à essência mais simples e verdadeira da vida. No Egito, navegamos pelo Rio Nilo, em uma jornada pela história de uma das civilizações mais antigas do planeta.

Entre lagos de águas transparentes e montanhas que parecem desenhadas com precisão suíça, o verão ganha contornos de aventura. Trilhas que serpenteiam pelos Alpes, rotas de ciclismo com vistas cinematográficas, voos de *paragliding* sobre vales verdejantes, campos de golfe impecáveis e corridas nas montanhas fazem da Suíça um destino de verão onde natureza e movimento convivem em perfeita harmonia.

No extremo norte, em meio a florestas densas e ao curso sereno do Rio Randselva, o Kistefos redefine a experiência museológica. Instalado em uma antiga fábrica de papel, o espaço combina esculturas ao ar livre, arquitetura arrojada e memória industrial, criando um diálogo potente entre a arte contemporânea e a paisagem. Percorremos também o Vale de Guadalupe, no México, onde o sol generoso molda vinhedos e sabores. Um destino que celebra o vinho, a gastronomia e o prazer de longas mesas ao entardecer.

De volta ao Brasil, estivemos na Chapada das Emas, onde a natureza se revela em sua forma mais exuberante: cachoeiras, vastas paisagens e uma biodiversidade impressionante.

Seja você um viajante apaixonado por natureza, cultura, arte, esporte ou gastronomia, existe um destino esperando para cruzar seu caminho. Cabe a nós explorá-lo e criar memórias que permanecerão muito além da viagem.



CORINNA SAGESSER
PUBLISHER

Boa viagem!

Stay alive.
Be Unquiet

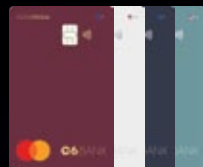
DICAS DIÁRIAS:

@revistaunquiet
/revistaunquiet

/revistaunquiet
revistaunquiet.com.br

c6ContaGlobal

Sua porta de entrada
para o mundo



c6BANK

uma sociedade com
JPMorganChase



Baixe o app e
abra sua conta



Colaboradores



Ruy Tone encontrou sua paixão ao fundar as operadoras Mundus, focada em destinos exóticos, a Kaiara Amazônia, de expedições fluviais pelo Rio Tapajós, e a Expedição Katerre, no Rio Negro. Essa última abriu o caminho para Ruy estabelecer bases em Novo Airão e se dedicar a negócios na região, como o Mirante do Gavião Amazon Lodge e o futuro Mirante do Madadá. No município, é presidente da ONG Fundação Almerinda Malaquias. Ele assina a Crônica desta edição.



Marina Bandeira Klink é fotógrafa de natureza e autora de três livros de fotografia e dois livros infantis adotados pelas redes pública e particular de ensino de todo o Brasil. Ela é reconhecida no universo da fotografia pelos registros que faz nas regiões mais remotas do planeta. Para esta edição, Marina percorreu 2 mil quilômetros na Mauritânia e traz os destaques do que encontrou pelo caminho, em uma singular jornada pelo deserto.



Marisa Ribeiro é fundadora e diretora criativa da marca homônima, criada há mais de 40 anos e reconhecida pela maestria no uso de matérias-primas naturais. Em sua busca constante por excelência, faz viagens ao Egito, dedicadas à pesquisa do algodão, e à Mongólia, para a seleção do cashmere, acompanhando de perto a origem das matérias-primas que definem a identidade de sua empresa. Nesta edição, assina a seção 48 Horas, em Seul, Coreia do Sul.



A natureza e os territórios pouco acessados sempre foram o eixo do trabalho de **André Dib**, fotógrafo documentarista e diretor de fotografia. Ao longo de mais de duas décadas, participou de expedições pelo Brasil e por regiões remotas do mundo. Seus trabalhos foram publicados em diversos veículos, além de ter desenvolvido projetos para instituições como WWF e FAO. Em suas viagens pelos biomas brasileiros, conheceu a Chapada das Emas, matéria que assina na seção Brasil.



Pimpa Brauen é jornalista, produtora e editora com mais de duas décadas de atuação em títulos como *Vogue* e *Harper's Bazaar*. Com passagens pelo universo da moda, *lifestyle* e decoração, ela ocupou nos últimos quatro anos o cargo de editora de turismo da *L'Officiel Brasil*. Sempre em busca de destinos onde a cultura pulsa no cotidiano, Pimpa explora contextos menos óbvios para revelar camadas profundas de história e identidade, como você confere na seção Cultura desta edição.



Erik Sadao é viajante profissional, escritor e fundador da Sapiens Travel, empresa baseada em Amsterdam, dedicada à criação de roteiros culturais na região de Benelux e na Islândia, com ênfase em arte e vivências locais autênticas. Como colaborador da UNQUIET, seus textos transitam entre histórias pessoais e a observação das culturas que percorre, revelando experiências e centros de arte pouco conhecidos. Nesta edição, escreve sobre o museu Kistefos, na Noruega, e sobre a cena Proudly de Bilbao, na Espanha.



Jaime Diakara Dessano é líder indígena Dessana, educador, escritor, ilustrador, palestrante, curador, consultor, pesquisador e membro do Neai-Ufam. Com graduação em pedagogia intercultural indígena pela UEA e mestrado e doutorado em antropologia social pela Ufam, ele dedica sua vida a preservar e difundir a cultura Dessana a partir da cosmologia e da perspectiva epistemológica indígenas. É dele a ilustração da Crônica deste número.



O jornalista **Kaíke Nanne** tem viajado pelo mundo para conhecer de perto comunidades tradicionais e pesquisar sobre povos originários. Autor do livro *Como Dançar com os Mortos — Uma Jornada por Cinco Continentes em Busca da Sabedoria Ancestral*, ele foi repórter, editor e diretor de revistas como *Veja* e *Época* e atuou, ainda, como *publisher* em grupos editoriais. Pernambucano de Olinda, há 30 anos vive em São Paulo. Na Biblioteca desta edição, indica livros que fazem viajar pela história e pelas civilizações.



ADORÁVEL SEGREDO

A Serra da Bocaina, hoje pacata e com bela natureza, já foi a mais rica região do estado de São Paulo

POR WALTERSON SARDENBERG S^o

Pouca gente se dá conta, mas uma placa modesta, na Via Dutra — a rodovia que liga São Paulo ao Rio de Janeiro —, aponta para um segredo óbvio, embora ainda reservado a poucos. Basta seguir na direção da cidade de Queluz, rumo à Serra da Bocaina. A partir dali chega-se ao Parque Nacional do mesmo nome, instituído em 1971. É a maior área contínua de mata atlântica.

São 100 mil hectares, o equivalente a dois terços da cidade de São Paulo. Ali moram bugios, lontras, veados, capivaras e até onças, em meio a cachoeiras com 300 m de quedas e montanhas como o pico da Bacia, de 2.077 m. Como costuma ocorrer no Brasil, a rara preservação da natureza

deu-se em virtude da decadência econômica.

Explica-se. Ao longo do século XVIII e até a metade do século seguinte floresceu na Bocaina o primeiro apogeu do Ciclo do Café. A região chegou a abrigar 82 vigorosas fazendas cafeeiras. Já em 1878, todavia, as terras haviam dado o que tinham que dar. Não só o solo entrara em colapso, mas também o modo de produção, baseado na mão de obra escravizada. O café se mudara para as terras férteis do oeste paulista, plantado e colhido por trabalhadores livres e escoado por estradas de ferro.

As cidades da Bocaina minguaram. Em 1919, Monteiro Lobato, que morou em uma delas — Areias — publicou um livro de batismo sintomático: *Cidades Mortas*.

Acima, em sentido horário, o Mitsubishi Eclipse Cross HPE-S 4x4, o histórico Hotel Fazenda Boa Vista e uma das cachoeiras da Serra da Bocaina. Na página ao lado, uma bela estrada serpenteia e dá acesso ao Parque Nacional

FOTOS WIKIMEDIA COMMONS, ISTOCK E DIVULGAÇÃO

Hoje, esses lugares se transformaram em cidadezinhas paulistas históricas, pacatas e acolhedoras. Bananal tem 10 mil moradores. Silveiras, apenas 6 mil. Areias e São José do Barreiro mal chegam a 4 mil. A sorte do viajante é que uma parte ínfima, mas representativa, do período áureo ainda pode ser visitada. Em especial, nas fazendas que sobraram, onde estão guardados o mobiliário e a história daqueles idos.

A mais suntuosa é a Resgate, que pertenceu a Manuel Aguiar Valim, então o homem mais rico do Brasil. A propriedade está aberta a visitas, desde que agendadas. O solar onde o magnata morou, no centro de Bananal, também é interessante. Aproveite e visite a estação ferroviária moldada em aço, importada peça a peça da Bélgica.

O melhor da Bocaina: algumas dessas fazendas centenárias hospedam viajantes com conforto — e várias alugam cavalos. Entre elas a São Francisco (de 1813), que nada tem de franciscana. Ou a Vargem Grande (1837), uma das mais refinadas, com jardins de Roberto Burle Marx. Já a Boa Vista tem piscina — e a cama em que o duque de Caxias dormiu a caminho da Guerra do Paraguai (1864-1870). Outra hospedagem a destacar é a Pousada da Joaquina, a 1500 m, em Silveiras.

Para provar a autêntica comida tropeira da Bocaina, vá ao Trempe, em Silveiras, e ao Rancho de São José do Barreiro. Ótimas pedidas. Não precisa experimentar a farofa de içá — sim, içá é uma formiga —, prato típico da região. Mas peça a cachaça local Coçerinha — assim mesmo, sem o “i”.

Claro que a natureza é outro imenso chamariz. A começar pelas cachoeiras. Uma das mais acessíveis, a do Bracuí, fica em Bananal. É ainda mais fácil chegar à Cachoeira Santo Isidro, que tem uma piscina natural gigante e, não bastasse, está à beira da entrada para o secretíssimo Parque Nacional da Serra da Bocaina. 📍

C6BANK

APRESENTA

360º

O silêncio das montanhas nos alpes tirolezes, um hotel com a alma do Soho em NY, o shangri-la do Himalaia, um rancho chic no Big Sur, vilas no azul profundo da Indonésia, o Marais traduzido em hotelaria em Paris, um reduto natural isolado no Panamá, o Palácio de Malta, casas na árvore na Tailândia, o mágico encontro com gorilas no coração do Congo e um idílio para dois em Marau

POR NATHALIA HEIN



Continue viajando nas nossas dicas 360º

Aponte a câmera do seu celular para o QR code ou acesse revistaunquiet.com.br/dicas



ERIRO ALPINE HIDE

Nos Alpes tirolezes, com o maciço do Zugspitze como pano de fundo, o Eriro Alpine Hide tem a natureza e o silêncio como principais aliados. A experiência começa na subida de teleférico, até Ehrwald, célebre por suas trilhas e pistas de esqui, e continua em uma construção que se integra à paisagem, enquanto revela interiores de design minimalista contemporâneo — um contraponto elegante aos tradicionais abrigos alpinos. Erguido no terreno de um refúgio da década de 1930, o hotel nasceu da visão de três amigos de infância da região do Tirol, que apostaram em um projeto independente, profundamente conectado ao entorno. São apenas nove acomodações, o que amplia a sensação de exclusividade, em suítes que combinam madeira reciclada, pedra e metais. A cozinha do *chef* David Franken traduz a região: ingredientes colhidos ou cultivados por produtores locais orientam um menu sazonal, que pode ir de cogumelos da floresta a criações aromáticas com o pinheiro-da-montanha, sempre acompanhado por vinhos austríacos orgânicos. No spa subterrâneo, saunas, piscinas aquecidas e rituais com ervas equilibram a tradição e a sofisticação, com terapias personalizadas e água de nascentes próximas.

eriro.at





THE MANNER

Hospedar-se no bairro do Soho, em Nova York, já antecipa qualquer proposta na cidade. Ao abrir as portas na charmosa Thompson Street, o hotel The Manner mostrou talento ao traduzir o espírito da região em experiência de hospedagem: o conceito de *social-first* sugere que os melhores encontros podem acontecer ali mesmo, dentro do hotel boutique, com apenas 97 quartos e design bem editado – incluindo *amenities* da Costa Brazil, desenvolvidas com ingredientes naturais da Amazônia, em

um gesto que dialoga com o bem-estar e a sustentabilidade. Exclusivo para adultos, o endereço convida à convivência já no The Apartment – um lounge concebido como uma sala de estar elegante, palco de um aperitivo cortesia, servido diariamente e pensado para incentivar conversas e conexões. Na gastronomia, o The Otter, do *chef* Alex Stupak, conduz uma leitura costeira, que vai de ostras e crusos a *lobster rolls* e peixes-espadas, acompanhados por coquetéis de inspiração marítima. Já o intimista Sloane's, dominado por veludo, laca vermelha e detalhes dourados, é sedutor e intimista, enquanto a vizinhança reúne galerias, boutiques e espaços culturais, que condensam o espírito criativo do bairro.

themanner.com



SHINTA MANI MUSTANG

No remoto vale do Rio Kali Gandaki, entre as cordilheiras de Annapurna e Dhaulagiri, o Shinta Mani Mustang revela um Himalaia de contornos quase irreais. A 3 mil metros de altitude, no chamado “vale do vento”, o hotel ocupa uma estrutura em U de dois andares, projetada pelo arquiteto nepalês Prabal Thapa com pedra e madeira locais, em sintonia com a tradição Thakali. Reimaginado em 2022 pela marca liderada por Bill Bensley, o refúgio combina design sustentável, cultura tibeto-nepalesa e vistas magnéticas do Monte Nilgiri. Os 29 quartos têm interiores assinados por Bensley, com uma paleta inspirada no budismo tibetano, além de obras do pintor Robert Powell e referências às pinturas Thangka. Na gastronomia, o chef Krishna Subedi valoriza ingredientes regionais – da pimenta timur às ervas do Himalaia –, em jantares temáticos e piqueniques servidos ao longo das trilhas. O envolvimento comunitário é tangível: metade da equipe é local, produtores vizinhos abastecem a cozinha e a propriedade apoia iniciativas de educação feminina e preservação cultural.

shintamani.com





artefacto

fotografia Victor Affaro



COLEÇÃO COSMOS

MÓDULO SOLAR SYSTEM | DESIGN PATRICIA ANASTASSIADIS





POST RANCH INN

Suspenso entre a Serra de Santa Lucia e a costa dramática do Pacífico, o Post Ranch Inn é uma das formas mais sublimes de viver Big Sur. Em uma propriedade de 40 hectares, o hotel se integra à paisagem com uma arquitetura pensada para minimizar o impacto ambiental e maximizar a imersão visual — seja sobre o oceano, a floresta ou as montanhas. Inaugurado em 1992 nas terras históricas da família Post, o refúgio mantém um forte vínculo com a comunidade local e lidera iniciativas sustentáveis, como geração própria de energia solar, gestão hídrica independente e construção com o mínimo de impacto sobre o terreno, além de abrigar diversas espécies ameaçadas de extinção. Os 40 quartos privilegiam a privacidade e a contemplação, com pátios, banheiras de hidromassagem para dois e vistas amplas do litoral. Em um penhasco, o restaurante Sierra Mar utiliza ingredientes da Costa Central e da horta do hotel em menus sazonais, que dialogam com o conceito de *slow-living* do hotel. O spa amplia a experiência com tratamentos clássicos e práticas como meditação na floresta, equilíbrio energético e sessões xamânicas. Atividades incluem piscinas infinitas, trilhas, ioga e aulas de falcoaria — com a única intenção de chamar a atenção sobre a história (e a situação precária) das aves de rapina nos EUA.

postranchinn.com



KEEMALA RESORT

No Keemala Resort, o conceito de “casas na árvore” extrapola os anseios lúdicos e se tornam realidade para hóspedes que, boquiabertos, se veem diante da possibilidade de se hospedar em vilas suspensas na altura da copa das árvores. Com vistas para a Praia de Kemala, na Ilha de Phuket, um dos destinos mais desejados da Tailândia, o *resort* de selva tem apenas 38 vilas, inspiradas por narrativas mitológicas locais, traduzidas em estruturas orgânicas que combinam materiais naturais e conforto contemporâneo, a maior parte delas com *decks* sobre a densa floresta e piscinas privativas. O bem-estar orienta a experiência: há um spa dedicado a terapias holísticas, práticas de ioga e uma culinária que privilegia uma experiência genuína e saudável pelos sabores locais, exaltando as cozinhas tailandesa e indiana. Parte dos ingredientes utilizados é proveniente do “jardim encantado” da propriedade e colhida diariamente.

keemala.com





Oceania Sonata

A SYMPHONY OF LUXURY



A NOVA EVOLUÇÃO NA FROTA DA OCEANIA CRUISES

O *Oceania Sonata* te convida a descobrir o mundo em uma cadência perfeita. Uma verdadeira obra de arte do design, ele vai entregar uma sinfonia de experiências inesquecíveis que capturam a essência do luxo no mar. Cada detalhe foi levado em consideração. Cada momento que será exclusivamente seu.



RESERVAS ABERTAS

PARA MAIS INFORMAÇÕES, ACESSE **OCEANIACRUISES.COM**
OU CONTATE SEU AGENTE DE VIAGENS

OCEANIA
CRUISES®

IMMERSIVE ITINERARIES | INTIMATE, LUXURIOUS SHIPS | GENUINE HOSPITALITY | THE FINEST CUISINE AT SEA®



LE GRAND MAZARIN LE MARAIS

O espírito *avant-garde*, criativo e efervescente do bairro do Marais, em Paris, foi a principal inspiração para o Le Grand Mazarin. A ideia de exaltar uma cidade vibrante, culta e contemporânea sustenta o projeto de Martin Brudnizki, por meio de um hotel que equilibra a exuberância decorativa (veludos, estampas ousadas e referências clássicas reinterpretadas) com uma elegância assumidamente parisiense, em sintonia com a cena de moda, arte e cultura LGBTQ+ do bairro. O projeto nasceu da união de edifícios históricos e levou seis anos para ganhar forma, com o propósito declarado de ser um ponto de encontro tanto para viajantes quanto para moradores. A vida cultural se estende ao bar e restaurante Boubalé, uma homenagem sensível à herança judaica do Marais, onde gastronomia autoral e coquetelaria criativa reforçam o espírito convivial da casa. O spa, com uma piscina sob o teto abobadado pintado, *hamman* e uma academia de estética quase cenográfica, acrescenta uma camada de bem-estar a esse endereço urbano. Atento à sustentabilidade, o hotel privilegia os fornecedores locais, reduz o consumo de água e energia e mantém parcerias sociais, insistindo na ideia de que a sofisticação e a responsabilidade podem e devem coexistir.

legrandmazarin.com



ISLAS SECAS

A cerca de 30 km da costa pacífica do Panamá, o Islas Secas se estende pelo arquipélago homônimo privado no Golfo de Chiriquí, onde o azul profundo do oceano encontra ilhas praticamente intocadas. Apenas uma das 14 ilhas foi ocupada — as demais permanecem preservadas —, garantindo um raro senso de exclusividade, em um refúgio que acolhe no máximo 32 hóspedes. Idealizado pelo filantropo ambiental Louis Bacon, o projeto tem a conservação como o centro da experiência. A arquitetura de Tom Scheerer é regida por uma elegância costeira contida, com pavilhões e casitas abertos à paisagem e integralmente abastecidos por energia solar. Terraços privativos, duchas *indoor/outdoor* e piscinas voltadas para o horizonte ampliam a sensação de imersão na natureza. Aqui o bem-estar nasce do próprio entorno: dias entre praias silenciosas, caiaques, *paddleboards*, pesca guiada e expedições a ilhotas desertas ou ao Coiba National Park. À mesa, peixes fresquíssimos, vegetais crocantes e frutas tropicais evocam uma simplicidade refinada, enquanto o bar, de inspiração à la Hemingway, convida a longas pausas ao entardecer.

islassecas.com



Um novo conceito
de sala VIP chegou
ao Aeroporto de Guarulhos.

O Visa Infinite Privilege Lounge foi projetado
com conforto e sofisticação para ser uma
extensão da sua casa.

Com um menu à la carte assinado pela
Chef Bel Coelho e uma carta de drinques
criada pelo mixologista Gabriel Santana,
**a sua próxima viagem extraordinária
começa ainda em terra.**

**Acesso exclusivo para clientes Visa Infinite
Privilege e seus convidados, mediante reserva.**



Consulte seu banco para
verificar a disponibilidade
e a elegibilidade do produto.

PORQUE O EXTRAORDINÁRIO ESTÁ NOS DETALHES.

VISA
Infinite Privilege



KAMBA NGAGA LODGE

A Floresta Ndzehi, nos arredores do Parque Nacional Odzala-Kokoua, foi o lugar escolhido para a implantação do Ngaga Lodge. Uma das regiões mais remotas da República do Congo, é um território onde a observação dos gorilas-das-terras-baixas-ocidentais se torna a razão central da viagem. Operado pela Kamba Africa, o *camp* oferece uma experiência profundamente conectada ao ambiente, marcada pela presença constante da floresta tropical. A área principal se organiza sobre um amplo *deck* elevado, com bar e salas de estar e jantar, integrados a um espaço aberto envolto pelo verde. O design lança mão de técnicas locais, como as superfícies contínuas de ráfia trançada e o mobiliário esculpido de forma artesanal. A poucos minutos do Riacho Ngaga, conta com apenas seis acomodações, em formato de cúpula, construídas com madeira de origem sustentável. Os dias são guiados pelo ritmo da floresta: trilhas densas levam ao encontro dos grupos de gorilas Neptuno e Júpiter, enquanto caminhadas diurnas e noturnas revelam outras espécies de primatas, gálagos, morcegos e uma profusão de vida selvagem. Visitas à vila de Ombo ampliam a imersão cultural. kambaafrica.com

UNQUIET APRESENTA

A rota VIP da Visa em Guarulhos

Um guia completo dos principais benefícios dos lounges vip para clientes Visa no maior hub aéreo do Brasil

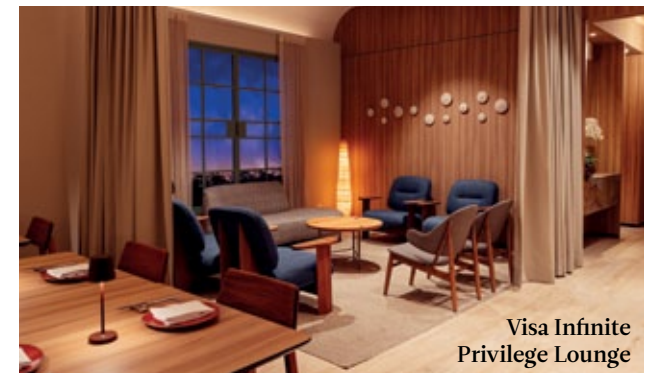
No Aeroporto Internacional de Guarulhos, o tempo de espera antes ou entre voos pode se transformar em experiência – e ótimos momentos. Para clientes Visa Infinite, Platinum e Signature, o programa Visa Airport Companion amplia o conforto com benefícios como o Visa Fast Pass e acesso a uma rede global de mais de 1.200 salas VIP, via Dragon Pass – além de Priority Pass e LoungeKey em alguns casos. Em São Paulo, esse ecossistema se traduz em mais de dez *lounges* distribuídos pelos três terminais.

No Terminal 1, o W Lounge São Paulo oferece atmosfera acolhedora e proposta descomplicada: sabores locais, opções sem glúten, carta completa de bebidas, wi-fi eficiente e duchas disponíveis como serviço adicional – ideal para desacelerar antes do embarque. O Terminal 2 concentra múltiplas experiências. O Plaza Premium Lounge equilibra arquitetura contemporânea, vista ampla e estrutura robusta, com estações de trabalho, sala de conferências, espaço kids, chuveiros e bufê variado. Já o W Premium Lounge – The West, na área doméstica, combina iluminação aconchegante, serviço de barista, cardápio diversificado, sala de reuniões, duchas opcionais e vista para o pátio de aeronaves. Nos *lounges* GOL Smiles, tanto no doméstico quanto no internacional, wi-fi, *business center*, salas de banho e menus pensados ao longo do dia atendem passageiros frequentes e clientes premium.

No Terminal 3, dedicado aos voos internacionais, a experiência ganha escala. O Bradesco VIP Lounge entrega vista privilegiada, estações de trabalho, espaço kids, duchas com *amenities* e ampla seleção gastronômica. O Espaço Banco Safra aposta em acolhimento e permanência de até quatro horas, com buffet variado, área de descanso e chuveiros. O LATAM VIP Lounge alia praticidade e conforto com buffet quente e frio, duchas e guarda-volumes. O W Premium Lounge – The Pier reforça a proposta de privacidade, com gastronomia local, opções sem glúten e vista para o pátio.

Entre os endereços mais desejados estão o Visa Infinite Lounge, exclusivo para portadores deste cartão, com buffet e serviço a la carte, open bar premium, *family room*, *lockers* e concierge, e o Visa Infinite Privilege Lounge, acessado mediante agendamento, que eleva a experiência a um patamar ainda mais intimista.

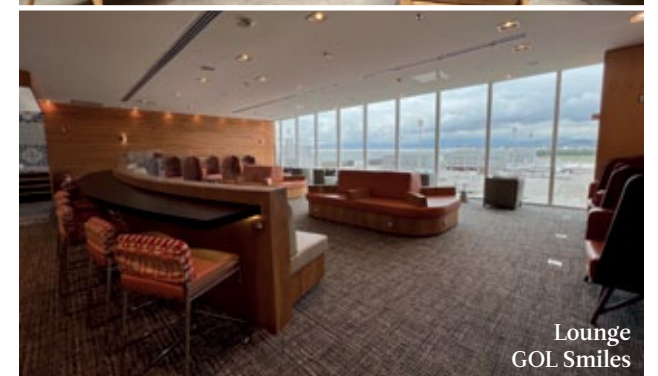
Em Guarulhos, voar com Visa significa começar a viagem ainda em solo... 📍



Visa Infinite Privilege Lounge



Bradesco VIP Lounge



Lounge GOL Smiles



Plaza Premium Lounge



*Às vezes, o melhor hotel
não é um hotel.*

VIVA O OCEAN STATE OF MIND

TODAS AS SUÍTES DE FRENTE PARA O MAR | ITINERÁRIOS IMERSIVOS
GASTRONOMIA PREMIADA | BEM-ESTAR HOLÍSTICO | DESIGN EUROPEU SOFISTICADO

EXPLORAJOURNEYS.COM
Entre em contato com seu agente de viagens de preferência ou ligue para +55 11 2500 0458





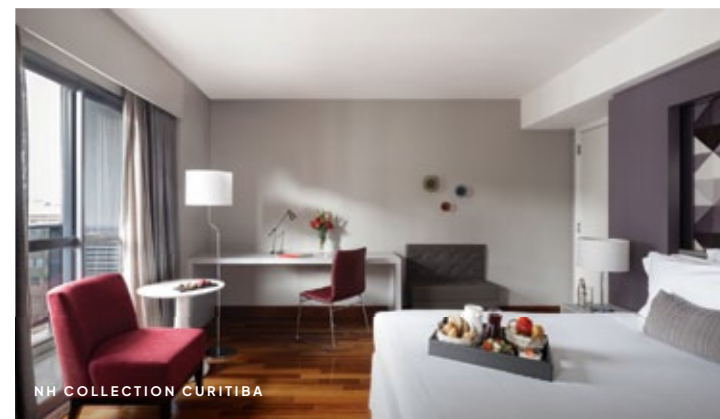
VILLA CÉU

Selvagem e preservada, a Ponta da Baleia, na Península de Marau, tem agora mais um motivo de encantamento. Com uma proposta intimista e sofisticada, a Villa Céu condensa o espírito da Bahia com sutileza. Cercada por mata nativa e a poucos passos de uma praia praticamente deserta de areia branca, a propriedade privilegia a privacidade absoluta, com apenas três bangalôs, pensados para oferecer conforto e tranquilidade em total imersão no entorno. A arquitetura adota linhas limpas e ambientes fluidos, onde materiais naturais e uma decoração contida reforçam a sensação de refúgio. A piscina e o lounge funcionam como extensões do cenário, convidando à contemplação e ao delicioso ócio à beira-mar. No restaurante, reservado aos hóspedes, a cozinha baiana é interpretada com delicadeza, ao lado de criações autorais, tudo com o axé que só a Bahia tem. Nos arredores, piscinas naturais cristalinas, em Taipu de Fora, pores do sol memoráveis na Ponta do Mutá e quilômetros de praias de águas azuladas arrematam dias perfeitos.

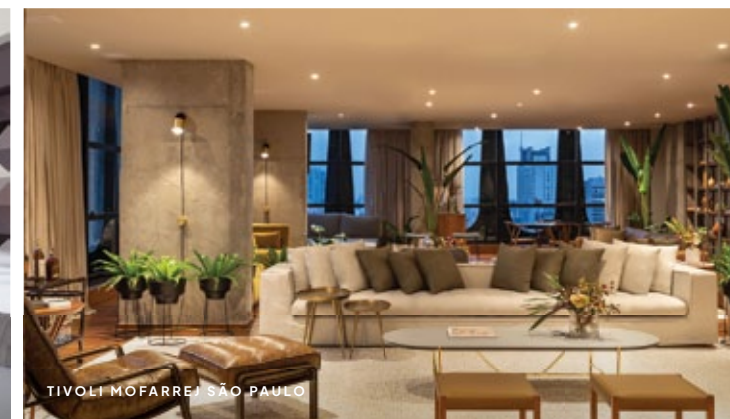
villaceu.com.br



TIVOLI ECORESORT PRAIA DO FORTE



NH COLLECTION CURITIBA



TIVOLI MOFARREJ SÃO PAULO

Explore o mundo com a Minor Hotels

Embarque em uma jornada inesquecível com o grupo internacional Minor Hotels. Estamos no coração das cidades mais vibrantes, nas praias mais deslumbrantes e nos refúgios de selva mais remotos.

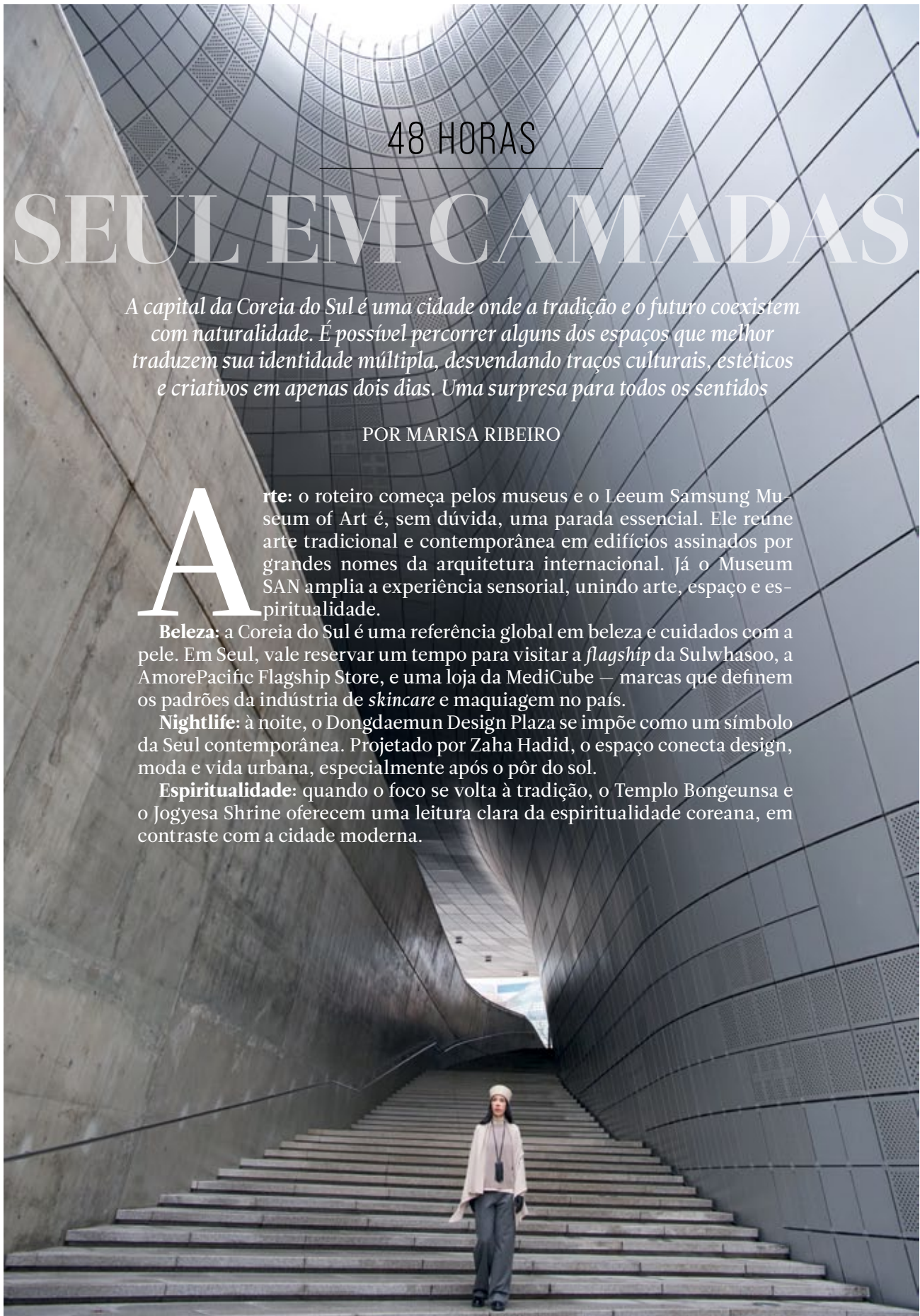
E no Brasil, temos um convite especial para você:

Seja um dos primeiros a vivenciar o charme e a cultura do Norte em nossa mais nova abertura, o Tivoli Maiorana Belém do Pará.

Encontre a perfeita sintonia entre luxo e natureza no premiado Tivoli Ecoresort Praia do Forte ou mergulhe na sofisticação cosmopolita do Tivoli Mofarrej São Paulo. Para estadas urbanas, conte com a excelência do NH Collection Curitiba e a modernidade do NH Feira de Santana. Onde quer que sua aventura o leve, no Brasil ou pelo mundo, estaremos à sua espera.

MINOR
HOTELS

MINORHOTELS.COM



48 HORAS

SEUL EM CAMADAS

A capital da Coreia do Sul é uma cidade onde a tradição e o futuro coexistem com naturalidade. É possível percorrer alguns dos espaços que melhor traduzem sua identidade múltipla, desvendando traços culturais, estéticos e criativos em apenas dois dias. Uma surpresa para todos os sentidos

POR MARISA RIBEIRO

Arte: o roteiro começa pelos museus e o Leeum Samsung Museum of Art é, sem dúvida, uma parada essencial. Ele reúne arte tradicional e contemporânea em edifícios assinados por grandes nomes da arquitetura internacional. Já o Museum SAN amplia a experiência sensorial, unindo arte, espaço e espiritualidade.

Beleza: a Coreia do Sul é uma referência global em beleza e cuidados com a pele. Em Seul, vale reservar um tempo para visitar a *flagship* da Sulwhasoo, a AmorePacific Flagship Store, e uma loja da MediCube — marcas que definem os padrões da indústria de *skincare* e maquiagem no país.

Nightlife: à noite, o Dongdaemun Design Plaza se impõe como um símbolo da Seul contemporânea. Projetado por Zaha Hadid, o espaço conecta design, moda e vida urbana, especialmente após o pôr do sol.

Espiritualidade: quando o foco se volta à tradição, o Templo Bongjeonsa e o Jogyesa Shrine oferecem uma leitura clara da espiritualidade coreana, em contraste com a cidade moderna.



Em sentido horário, o Palácio Gyeongbokgung, o Templo Bongjeonsa, movimento em rua de Myeongdong, fachada de loja em Apgujeong e o Museu SAN, em Wonju, perto de Seul

Bairro a bairro: os distritos ajudam a compreender Seul em camadas. Myeongdong concentra compras e cosméticos, Insadong preserva a herança cultural, Itaewon mistura culturas e restaurantes e Sinsa representa a moda e o design contemporâneos. Para as grandes marcas de luxo, a Apgujeong Rodeo Street é a opção.

História: o roteiro se encerra no Bukchon Hanok Village e nos palácios Gyeongbokgung e Changdeokgung, marcos históricos que conectam o presente à dinastia Joseon.

Para estender: se tiver mais 24 horas disponíveis, vale sair de Seul e visitar o Sayuwon, localizado em uma cidade próxima à capital. Esse museu revela plenamente sua proposta de silêncio, contemplação e conexão — uma experiência que transforma a viagem, revelando a relação no país entre arquitetura, paisagem e silêncio. 📍

Para transformar essa imersão em uma experiência personalizada, a Core Lux (corelux.com) se dedica a criar jornadas sob medida. Recomendando.



SUSTENTABILIDADE

O legado do capim-do-brejo

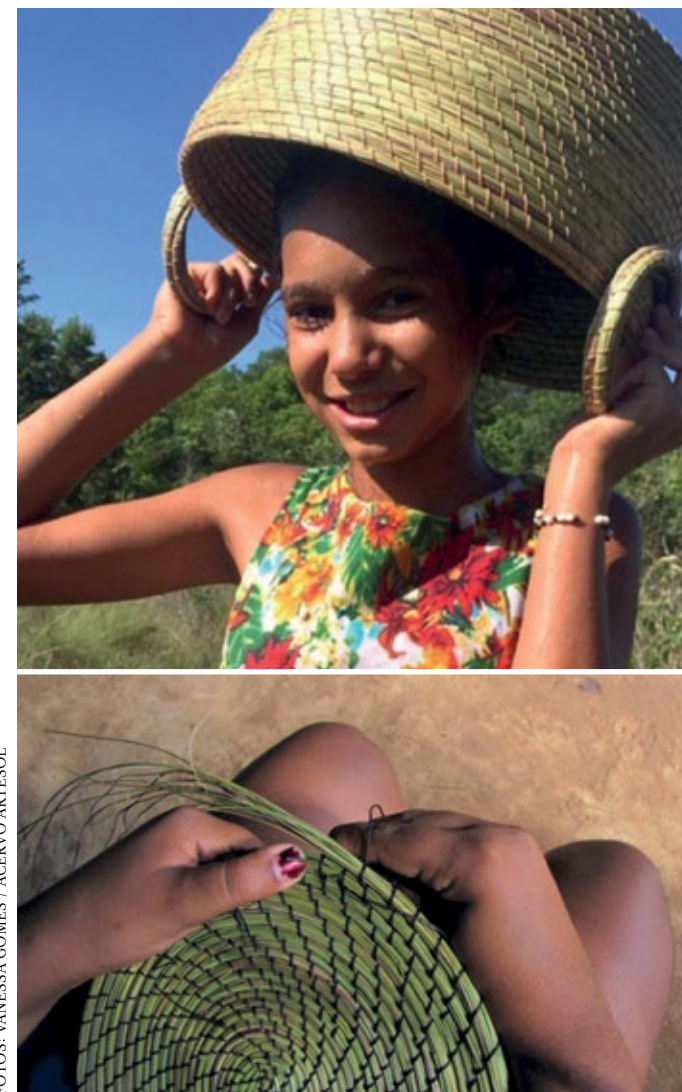
Asaa, o artesanato que reescreve a história cultural do Brasil

No coração do cerrado goiano, onde as paisagens naturais se entrelaçam com a memória das comunidades tradicionais, floresce um projeto que transcende a mera produção artesanal: a Associação de Serranópolis Amigos do Armazém (Asaa). Integrante da Rede Artesol – Artesanato do Brasil, ela representa hoje um capítulo vivo da herança cultural brasileira, em que saberes ancestrais se encontram com a contemporaneidade do mercado global.

Serranópolis – uma pequena cidade a cerca de 380 km de Goiânia – abriga aproximadamente 30 associadas, predominantemente mulheres que dedicam suas mãos e seus conhecimentos ao trabalho com o capim-do-brejo, um material que já foi parte essencial da vida cotidiana rural, utilizado tradicionalmente na cobertura de casas e na confecção de balaies, cestos e outros objetos utilitários.

A trajetória desse capim como uma matéria-prima artesanal é também um testemunho de resiliência cultural. Quando materiais sintéticos, como o plástico, quase relegaram essas técnicas ao esquecimento, a Asaa reconectou o presente com o legado, resgatando práticas que remontam aos anos 1940 e 50. A liderança de artesãos como

FOTOS: VANESSA GOMES / ACERVO ARTESOL



Acima, a produção de cestaria e objetos artesanais a partir do capim-do-brejo por associadas da Asaa, em Serranópolis. Na página ao lado, fruteira produzida com a matéria-prima nativa

Lucas – que aprendeu a tecer ainda jovem e passou décadas afastado das criações – e a insistência de sua filha Isabel em reviver esse ofício hoje atravessam gerações e redeseñham as possibilidades da expressão artesanal regional.

O processo manufatureiro segue uma lógica metódica: do corte manual do capim nas várzeas aos métodos de secagem e limpeza, cada etapa remete não apenas à tradição, mas à precisão e a uma estética cuidadosa, que posicionam essas peças em um diálogo de alta valorização cultural e mercadológica.

A Asaa, como membro da Rede Artesol, usufrui de uma rede nacional que georreferencia artesãos, associações, territórios criativos e espaços culturais, fortalecendo o artesanato brasileiro como um patrimônio cultural vivo e fomentando relações diretas com públicos diversificados – desde colecionadores e curadores até turistas e consumidores conscientes.

Além de reforçar o valor intrínseco do fazer manual, a atuação da associação reflete a perspectiva de desenvolvimento territorial. O próprio Armazém de Cultura, o espaço que abriga a associação, funciona como um ponto de visitação e comercialização e integra rotas turísticas que ligam as riquezas arqueológicas e naturais de Serranópolis à sua produção cultural.

Em um mundo cada vez mais acelerado, a Asaa e a Rede Artesol convidam a uma pausa reflexiva – um retorno sensorial ao tempo das mãos que transformam as fibras em narrativas e as comunidades em protagonistas de sua própria história. 📍

redeartesol.org.br/rede/asaa



O planeta **é um só.**

Cuidar de uma parte
é preservar o todo.

5 ANOS VIAJANDO PELO PLANETA
DE UMA FORMA CONSCIENTE.

UNQUIET

📷 @revistaunquiet

🌐 revistaunquiet.com.br

FESTIVAIS

Just feel the music

*Festivais de música pelo mundo:
um guia sensorial para 2026*

POR LALAI PERSSON
COLAGEM RAPHAEL ALVES

Depois de anos curando festivais e viajando atrás de *line-ups*, este ano o objetivo é aliar música boa com locações e experiências extraordinárias. Minha lista mistura clássicos que sempre revisito e lugares novos que ainda não conheço – alguns porque quem foi me disse que é obrigatório, outros porque a intuição diz que está na hora.

O lema para 2026 é me deslumbrar. Quero um deslumbre sensorial, que atice todos os sentidos.

O melhor festival não tem a ver com o *line-up*, mas com a experiência completa. Nada como reunir os amigos para rir até perder o fôlego entre um show e outro, ouvir sons diferentes, ter momentos de catar-se coletiva, conhecer novos artistas.

PARA OUVIDOS QUE BUSCAM CONTEMPLAÇÃO SONORA

CTM, Berlin Atonal, Rewire e Unsound são dedicados à escuta. São festivais onde o som se torna arquitetura e o silêncio entre as notas importa tanto quanto as notas em si. O corpo reverbera, absorve frequências que atravessam a pele e se instalam nos ossos. Rewire transforma espaços industriais em catedrais sonoras, em que o experimental encontra o vanguardista. Unsound mergulha na vanguarda, ocupando desde igrejas góticas até *bunkers* pós-industriais. É uma tensão constante entre o sagrado e o profano. CTM e Berlin Atonal representam os dois polos da cena experimental berlinense em locações deslumbrantes, como o Berghain e o Kraftwerk.



Acima, a vibe techno do Movement, em Detroit, e público curte o Kala, na Albânia

PARA O CORPO QUE QUER DANÇAR E SE LIBERTAR

Movement é uma peregrinação obrigatória para quem tem o techno como religião. Às margens do Detroit River, o festival acontece na cidade que inventou o gênero. Ver Carl Cox, Stacey “Hotwaxx” Hale e Carl Craig tocando onde tudo começou é uma experiência transcendental. Wire Festival revela a cena *underground* nova-iorquina em toda a sua intensidade em quatro dias de techno, ambiente e experimental. A curadoria é impecável, focada na cena LGBTQIA+.

O Organik, em Taiwan, é considerado uma das melhores festas de techno da Ásia. É onde a cultura asiática e a música eletrônica global se cruzam. Dekmantel é um rito de passagem. Este ano serão 36 horas *non-stop* dançando no meio da floresta, até que o corpo e a música se tornem uma coisa só.

PARA HEDONISTAS E AMANTES DO SOL

Love International e Kala são para hedonistas que entendem que dançar à beira da praia, com os pés na areia e o sol na pele, é uma das experiências mais gostosas que a vida pode oferecer. House e disco brilham sob a luz solar, o mar se torna parte da experiência e a música eletrônica ganha tons dourados.



PARA OUVIDOS ECLÉTICOS E CURIOSOS

Flow Festival, Primavera Sound Porto, C6 Fest e Estereo Picnic são para quem se recusa a escolher um único gênero. Indie rock à tarde, eletrônica à noite, hip-hop no meio, tudo em locações que pedem para serem exploradas e fotografadas.

O Primavera Sound Porto leva a tradição do festival catalão para as margens do Rio Douro. Flow Festival acontece numa antiga usina elétrica, onde design escandinavo, boa gastronomia e curadoria impecável, incluindo um palco dedicado ao jazz, se encontram. Em sua quarta edição, o C6 Fest transforma o Parque Ibirapuera em refúgio para adultos nostálgicos. O destaque é o retorno do The xx, ao lado de Robert Plant's Saving Grace, Matt Berninger, Lykke Li e Beirut, entre os dias 21 e 24 de maio, entregando uma estrutura com vários palcos e shows simultâneos na melhor *vibe* possível. Estereo Picnic é uma celebração massiva e diversa em Bogotá.

PARA QUEM QUER O EXTRAORDINÁRIO E REMOTO

Equation, Nyege Nyege, Wonderfruit, Fusion, Soria Gathering e Iceland Airwaves nos levam aos confins do mundo: geográfica e espiritualmente.

São experiências que transcendem a música e se tornam rituais de passagem.

O Equation acontece na Caverna Mo Luông, no Vietnã. Dançar dentro de uma caverna, cercado por formações rochosas milenares, enquanto o som reverbera nas paredes de pedra, inviabiliza qualquer descrição.

O Nyege Nyege faz repensar tudo que a gente acha que sabia sobre a música eletrônica. Às margens do Rio Nilo, em Uganda, é o maior festival de música eletrônica da África Oriental, reunindo 60 mil pessoas de vários países. É uma verdadeira descolonização dos ouvidos e a celebração da criatividade africana, que rompe estereótipos. É algo ancestral e urgente que está acontecendo ali.

O Wonderfruit acontece nos campos de Pattaya. São cinco dias de música eletrônica, indie e *world music*, com workshops de permacultura, ioga, meditação e gastronomia sustentável. Hedonismo consciente, festa com propósito, utopia temporária, em que 25 mil pessoas, de diversos países, experimentam viver de forma mais harmônica.

O Fusion é lendário. Acontece num aeroporto militar soviético abandonado em Lärz, onde 70 mil



Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code e checar a lista completa dos festivais.

Acima, momentos do C6 Fest, em São Paulo. Na página ao lado, em sentido horário, o Nyege Nyege, em Uganda, o Flow Festival, em Helsinque, o Equation, no Vietnã, e o Estereo Picnic, em Bogotá

pessoas criam uma zona autônoma temporária. Você vai mais pela experiência do que pelos artistas. Mas tem estilo musical para todos os gostos. Contracultura radical, arte, política, hedonismo, comunidade. Atenção: 2026 será a última edição antes da pausa de dois anos.

O Soria Gathering transforma as praias de Lofoten, na Noruega, em pista de dança em junho, quando o sol da meia-noite banha tudo com uma luz dourada contínua.

O Iceland Airwaves transforma Reykjavik inteira em palco. Igrejas, museus, bares, galerias, lojas de discos: todos os espaços se tornam espaços para os shows. Você caminha de um show a outro pela cidade mais ao norte do mundo, em pleno inverno, correndo a sorte de ver auroras boreais dançando no céu. Pioneiro em equidade de gênero (50% dos artistas são mulheres desde 2018), ele celebra talentos islandeses e internacionais emergentes. É uma descoberta musical em estado puro.

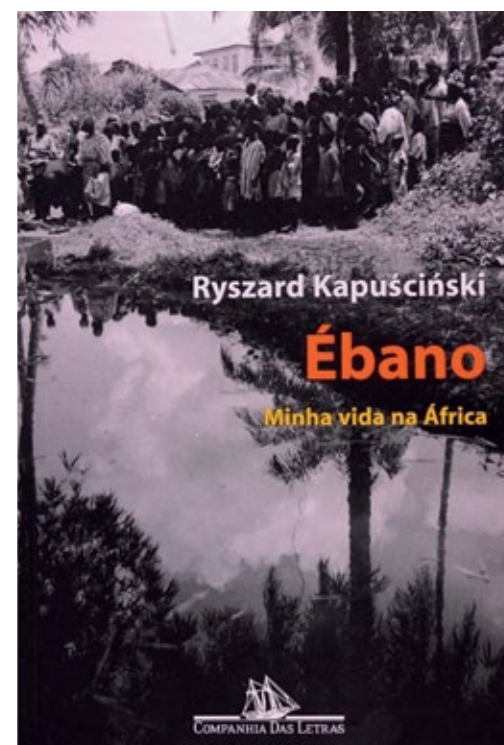
Essa lista é um mapa para continuar a ser construído. Cada festival é um convite para experiências além dos shows. São encontros com lugares, pessoas, culturas, versões de nós mesmos que só emergem quando estamos longe de casa, perdidos na multidão, conectados pela música.

O mundo está cheio de sons esperando para serem descobertos. E 2026 é o ano perfeito para se perder neles. 📍

Ancestralidade e Povos Originários

Autor de *Como Dançar com os Mortos*, da Maquinaria Editorial, jornalista viaja há 30 anos para conhecer comunidades tradicionais e apresenta sugestões de leituras inspiradoras

POR KAÍKE NANNE
COLAGEM RAPHAEL ALVES



A Enxada e a Lança: a África Antes dos Portugueses, de Alberto da Costa e Silva (Nova Fronteira)

Antes da chegada dos europeus, a África já era um continente de impérios, filosofias e invenções. Alberto da Costa e Silva resgata essa grandeza com a elegância de um historiador que escreve como poeta. Seu livro desmonta o mito do continente “sem história”, revelando reinos organizados, rotas comerciais que cruzavam desertos e sistemas de poder sustentados por símbolos, e não apenas pela força. A enxada e a lança — metáforas do trabalho e da guerra — formam o eixo de um mundo autônomo e sofisticado, que pensava a vida e a morte à sua maneira. Costa e Silva combina erudição e humanidade: descreve as genealogias dos soberanos e os mitos de criação com igual respeito. O resultado é uma narrativa que devolve à África sua espessura civilizatória e convida o leitor brasileiro a reconfigurar o olhar — a reconhecer, no espelho africano, a parte esquecida de si mesmo.

Ébano: Minha Vida na África, de Ryszard Kapuściński (Companhia das Letras)

Kapuściński percorre a África não como um repórter de passagem, mas como alguém que se deixa atravessar por ela. Em *Ébano*, o jornalista polonês mistura memória, ensaio e crônica de guerra num retrato íntimo de um continente em convulsão. Suas páginas são impregnadas de poeira, febre e humanidade: o autor dorme em aldeias sem luz, presencia golpes, conversa com príncipes e mendigos.

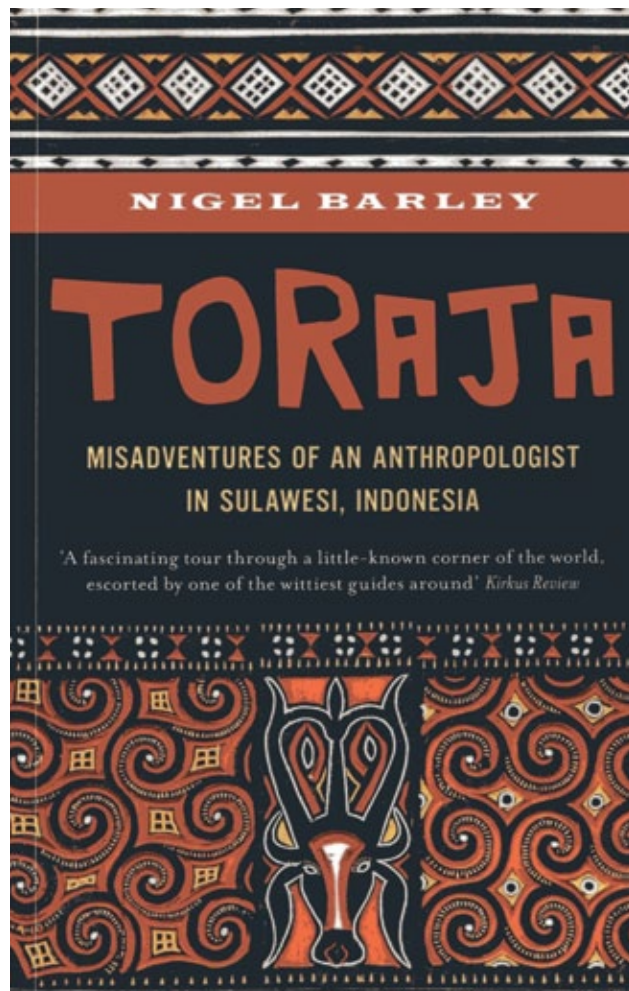
Mas o que o move não é o exotismo — é o espanto diante da dignidade que persiste em meio à ruína. Kapuściński observa, escuta, tenta compreender a África como um espelho moral da Europa. Sua prosa, tensa e lírica, transforma a reportagem em literatura de testemunho. *Ébano* é uma viagem ao coração do outro e também uma confissão: a de que o olhar ocidental, quando não é humilde, é cego. Entre o realismo e a revelação, o livro revela mais sobre o humano do que sobre o continente.

O Mundo Falava Árabe, de Beatriz Bissio (Civilização Brasileira)

Beatriz Bissio recupera, nesse livro admirável, um tempo em que a língua árabe unia mundos: de Córdoba a Bagdá, de Damasco ao Cairo. *O Mundo Falava Árabe* é uma viagem pela civilização islâmica medieval — época em que ciência, filosofia e poesia floresciam sob o mesmo teto. A autora escreve com clareza jornalística e sensibilidade de cronista: mostra como o legado árabe formou a base do pensamento europeu e como o brilho da Andaluzia iluminou séculos de intercâmbio cultural. Bissio desmonta estereótipos e devolve ao Islã o papel de ponte entre saberes. Sua narrativa é refinada sem ser hermética, lírica sem perder o rigor. Ao final, o leitor percebe que esse mundo perdido — o da curiosidade, da convivência, da tradução — ainda murmura sob as ruínas do presente. É um livro sobre o passado, mas também sobre o que esquecemos ser.

Toraja: Misadventures of an Anthropologist in Sulawesi, Indonesia, de Nigel Barley (Monsoon Books)

Nigel Barley ri de si mesmo para compreender os outros. Em *Toraja*, ele troca a floresta africana de seus livros anteriores pelas montanhas de Sulawesi, na Indonésia, onde acompanha rituais funerários que transformam a morte em um espetáculo social. O humor — às vezes britânico, às vezes quase místico — nunca é sarcasmo, mas um modo de suportar o espanto. Barley narra seus tropeços de antropólogo urbano entre búfalos sacrificados, corpos embalsamados e crenças que desafiam a lógica ocidental. Ao descrever as festas dos Toraja, revela o contraste entre o olhar científico e a beleza irracional da vida ritual. O livro combina leveza e profundidade. Faz rir, mas deixa em suspensão uma pergunta essencial: o que é, afinal, a civilização? Entre equívocos e epifanias, *Toraja* é a confissão de um estrangeiro que descobre que o verdadeiro campo de estudo é o próprio olhar.



Como Dançar com os Mortos, de Kaike Nanne (Maquinaria Editorial)

Peço licença para indicar meu livro, lançado em outubro de 2025. Em *Como Dançar com os Mortos — Uma Jornada por Cinco Continentes em Busca da Sabedoria Ancestral*, reuni boa parte das pesquisas realizadas nesses últimos 30 anos, iniciadas bem antes de o termo “povos originários” entrar para o léxico cotidiano. O livro é resultado do esforço para entender minimamente culturas milenares que têm desafiado a lógica da globalização e preservado ritos, crenças, costumes e tradições ancorados em um conjunto de significados muitas vezes ignorados ou considerados primitivos pelos ocidentais. Do Ártico ao Saara, da Amazônia aos Himalaias, da Nova Guiné a Madagascar, visitei cada uma das comunidades tradicionais retratadas, estive com todos os grupos étnicos mencionados. Há diferentes formas de ingressar no livro. Pode-se tomá-lo como um exercício intelectual, uma espécie de mapa simbólico de culturas pouco conhecidas. Pode-se lê-lo como um inventário narrativo de modos de vida que ainda resistem à homogeneização. Pode-se ainda encará-lo como uma jornada de autoconhecimento, um espelho torto, que nos obriga a rever nossos conceitos sobre a morte, a sacralidade e o que é, afinal, uma vida venturosa.



Tupari: entre os Índios, nas Florestas Brasileiras, de Franz Caspar (Edições Melhoramentos)

Publicado em 1953, o livro de Franz Caspar é um dos grandes documentos etnográficos do século XX sobre os povos indígenas da Amazônia. O autor, médico e missionário suíço, viveu entre os Tupari, em Rondônia, e descreveu com espanto e empatia um mundo ainda intacto. *Tupari* é uma crônica de encontros — entre culturas, entre tempos, entre concepções de vida. Caspar escreve com um misto de ingenuidade e reverência: suas observações sobre rituais, mitos e medicina tradicional revelam um olhar mais curioso do que julgador. Há momentos de lirismo quase involuntário, como quando relata o brilho das fogueiras refletido na pele pintada dos guerreiros. A floresta, para ele, não é cenário, mas personagem. E o leitor, ao acompanhá-lo, sente o peso de uma descoberta que é também perda: o pressentimento de que aquele mundo logo seria engolido por nossa ideia de progresso.



Mitos para Viver, de Joseph Campbell (Palas Athena)

Joseph Campbell reúne neste livro o fio invisível que conecta os mitos de todos os povos. *Mitos para Viver* é uma cartografia da alma humana: das epopeias gregas aos contos Navajo, das parábolas cristãs às lendas do Oriente. Com linguagem clara e erudita, Campbell mostra que os mitos não são relíquias do passado, mas mapas simbólicos para atravessar as crises da vida moderna. O herói, o sacrifício, o renascimento — tudo retorna, sob novas máscaras. Seu ensaio é simultaneamente antropologia, filosofia e poesia. Ao lê-lo, o leitor entende que os deuses nunca morreram. Apenas mudaram de endereço. *Mitos para Viver* convida à reconciliação entre a razão e o mistério, lembrando-nos de que, sem narrativa, a existência perde sentido.

Rota Consciente

Uma seleção de itens com design, função e longevidade para quem viaja muito

POR LUCIANA LANCELOTTI

FÔLEGO DE NITROGÊNIO

Para o viajante que cruza zonas térmicas, o novo Montblanc 1858 Iced Sea resolve um drama invisível: a oxidação interna. Com a tecnologia Zero Oxygen, a caixa é preenchida com nitrogênio, garantindo que o relógio nunca embace, seja no topo de uma geleira, seja em um mergulho profundo no Caribe. Essa atualização da linha Iced Sea combina o visual *worn steel* (aço com aspecto envelhecido) e uma robustez técnica que justifica sua presença em qualquer lista de equipamentos essenciais.

Mais do que um marcador de horas, é uma cápsula do tempo protegida contra os elementos, como a umidade tropical e o gelo das altitudes, e desenhada para quem entende que o luxo mais sustentável é aquele que nunca precisa ser substituído.

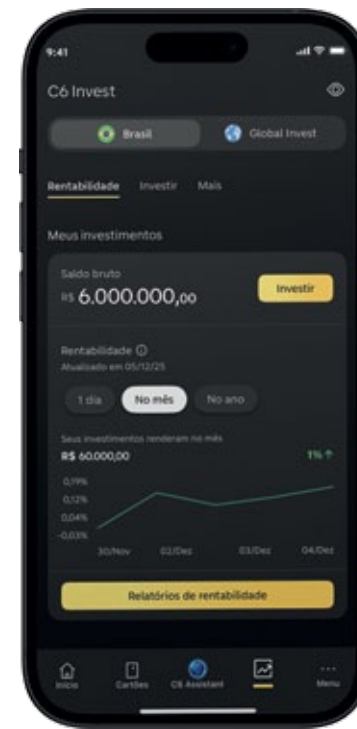
montblanc.com.br



PASSOS DE LIBERDADE

O Veja Fitz Roy Trek-Shell X Finisterre é o tipo de calçado que entende o viajante que sai do vento salgado e vai direto para o asfalto. É o primeiro modelo técnico de alta performance da Veja em *collab* com a britânica Finisterre, pensado para quando a paisagem exige mais do que estética. O cabedal, de tecido reciclado, repele a água sem PFAS (os temidos “químicos eternos”) e o solado multidirecional encara terrenos instáveis com segurança. Como conforto é lei em longas jornadas, a marca recomenda um número acima do habitual para o ajuste perfeito. Uma bota para quem quer rigor técnico e leveza ambiental no mesmo passo.

veja-store.com.br



C6 INVEST – PARA BOAS DECISÕES FINANCEIRAS

Investir bem é, antes de tudo, uma experiência de confiança, clareza e inteligência financeira. É exatamente isto que o C6 Bank oferece: uma plataforma de investimentos completa, com ativos no Brasil e no exterior, para quem busca transformar objetivos em resultados concretos. Em um único app, você encontra CDBs, Tesouro Direto, fundos, ações e investimen-

tos em dólar, para diversificar a carteira sem burocracia. Quem não abre mão do toque humano pode contar ainda com uma assessoria especializada e sem conflito de interesses.

c6bank.com.br/c6-invest

PRETO E BRANCO, SEM TRUQUE

A Leica Q3 Monochrom não tenta agradar o espectro inteiro. Ela escolhe a essência. Ignora as cores para ficar com a alma da imagem, com um sensor dedicado exclusivamente ao P&B, como quem corta o ruído e permite que a luz se destaque. O corpo de magnésio e metal, montado manualmente, tem a ambição de longo prazo: atravessar gerações sem perder a precisão e com alta reparabilidade, o que contraria o descarte programado. É luxo mecânico em forma de câmera, que não pede o filtro, mas o olhar.

leica-camera.com



HORIZONTE MAJESTOSO

Há peças que viram história antes de se tornar uma tendência, e estes óculos, da marca baiana Lima Reis, fizeram isso com naturalidade. Apareceram em Palma de Mallorca, no rosto da princesa Leonor da Espanha, comprados durante uma passagem dela por Salvador – como se a Bahia tivesse deixado um carimbo discreto no Mediterrâneo. A designer Fernanda Lima trabalha com bioacetato e lentes com 50% de plástico reciclado, guardados em estojos produzidos com materiais recuperados. O modelo Princesa Leonor, renomeado após o uso da herdeira, entrega a proteção técnica com uma sofisticação tropical, sem esforço. Filtra o sol e devolve ao oceano um horizonte mais limpo, como o estilo deve fazer.

limareis.com



XAMPU QUE NÃO PESA

Quem viaja muito aprende rápido que o que vaza na *nécessaire* sempre escolhe o pior dia. O xampu em pó da Pink Cheeks, com niacinamida na fórmula, vai na contramão desse drama. Você põe o pó na mão, adiciona pouca água e ele vira uma espuma. A versatilidade ajuda na vida real, já que o produto pode ir do cabelo ao rosto e ao corpo. No pós-piscina, a promessa é lidar com o cloro sem deixar os fios “gritando”. A marca divulga ter um rendimento alto (variável pelo uso) e oferece a opção de refil. Uma tecnologia que aparece onde interessa: menos volume, mais função, zero escândalo na mala.

pinkcheeks.com.br





BRASIL

O BRASIL QUE BRILHA

Em Goiás, o Parque Nacional das Emas é palco de um dos maiores espetáculos do fenômeno de bioluminescência da natureza e santuário da memória da fauna e flora do Cerrado

POR ANDRÉ DIB



Brasil ainda guarda tesouros escondidos, lugares onde a natureza se encontra em estado original e, melhor ainda, longe das rotas mais conhecidas. O Parque Nacional das Emas, no sudoeste goiano, é um desses raros destinos que se apresentam como uma experiência exclusiva para quem busca a natureza em sua forma mais autêntica. Em meio a uma imensidão de campos naturais, horizontes amplos e silêncio profundo, o parque revela uma combinação singular de biodiversidade, história ecológica e fenômenos naturais, que o tornam um dos pontos mais intrigantes e sensíveis do Cerrado.

Criado em 1961, o parque protege, dentro do bioma, um dos últimos grandes contínuos de campo limpo, uma das fitofisionomias do Cerrado, formadas por extensas áreas abertas, que cobriam vastas porções do Brasil Central, mas que, pressionadas pela expansão agrícola, hoje sobrevivem apenas em fragmentos.

A unidade reúne mais de 300 espécies de aves, além de mamíferos como veados, tamanduás, tatus e o solitário lobo-guará, uma das espécies mais emblemáticas do Cerrado brasileiro, que corre risco de extinção. Soma-se a isso uma variedade de répteis e pequenos seres adaptados ao ciclo rigoroso da seca. Esse mosaico de vida, regido pelo ritmo das estações, foi um dos motivos que levaram a Unesco a reconhecer o Parque Nacional das Emas como um Patrimônio Natural da Humanidade em 2001.



Acima, um carcará, uma das 300 espécies de aves presentes na região. Ao lado, descida de bote pelo Rio Formoso, principal curso d'água do parque

NOITES ILUMINADAS

É durante a noite, quando o escuro cobre os campos e o silêncio se faz presente, que a região revela sua face mais fantástica. Trata-se da bioluminescência, que é a capacidade de organismos produzirem luz própria, um fenômeno que se manifesta no mundo de formas diversas, no azul das ondas povoadas por microrganismos marinhos, no brilho sutil de cogumelos incandescentes ou no piscar dos vagalumes pelas florestas tropicais.

No Parque das Emas, entretanto, o fenômeno



ganha um caráter único. Ali, uma espécie específica de vagalume utiliza os cupinzeiros como berçário. As fêmeas depositam seus ovos sobre essas estruturas e, ainda na fase de larva, os pequenos vagalumes passam a emitir uma cintilação verde-azulada para atrair os insetos voadores que lhes servirão de alimento.

Em determinadas noites, principalmente quando começam as primeiras chuvas após um longo período de estiagem, centenas, por vezes milhares, de cupinzeiros brilham de forma simultânea, produzindo um espetáculo quase irreal.

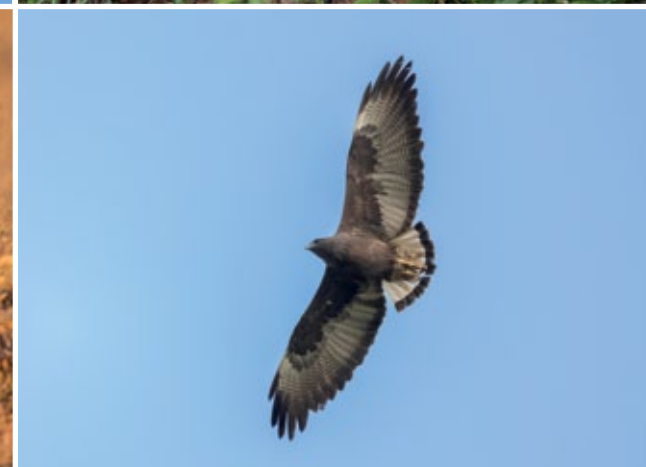
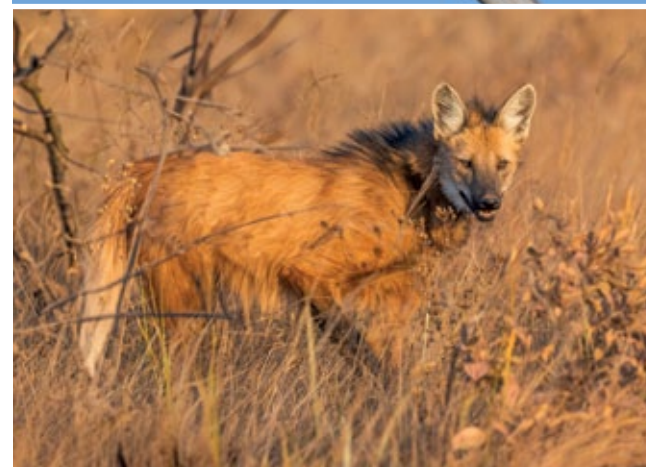
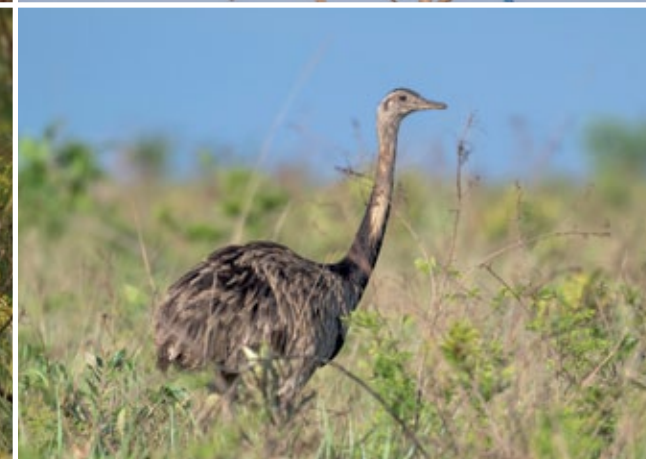
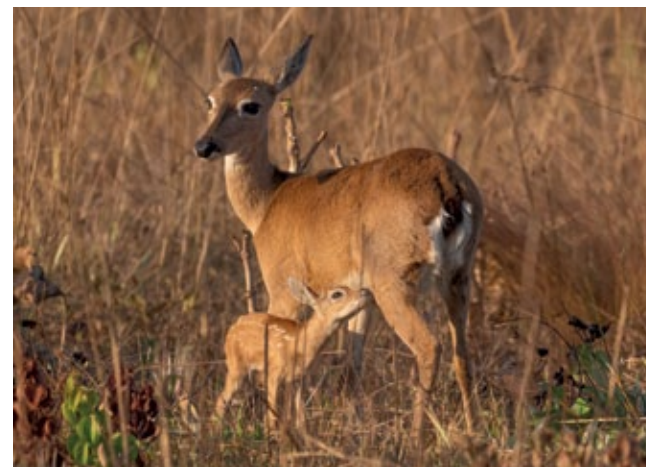
A ciência ainda busca entender por que essa manifestação ocorre de modo tão intenso apenas nessa região, mesmo existindo cupinzeiros em diversas outras áreas. Supõe-se que a composição do solo, a altitude, a estabilidade das estruturas e a dinâmica ecológica local contribuam para esse cenário singular. O auge acontece entre outubro e novembro, logo após as primeiras chuvas, quando o ar úmido e quente, combinado com noites sem luar, cria as condições ideais. São momentos em que o Cerrado revela uma camada secreta de si mesmo.

A MEMÓRIA DA NATUREZA

Além da bioluminescência, o parque oferece uma leitura privilegiada do bioma em seu estado bruto: estradas internas que permitem safáris fotográ-

A Chapada das Emas é morada da natureza em sua forma mais autêntica: combina biodiversidade, história ecológica e fenômenos naturais

Acima, as águas cristalinas do Rio Formoso. Na página ao lado, em sentido horário, espécies típicas da fauna do Cerrado: veado-campeiro, araras-canindé, ema, anta, gavião de rabo branco, lobo-guará, tucanuçu e tamanduá-bandeira





Cupinzeiros sob a tempestade
nos campos do Cerrado:
eles são os protagonistas
dos fenômenos de
bioluminescência durante
as noites na região



ficos, em grandes áreas de observação de fauna, campos que mudam de cor ao longo do dia e uma atmosfera de isolamento extremo, cada vez mais rara na Região Centro-Oeste. A sensação, para muitos, é a de atravessar um território que preserva a memória natural do país, expressa na fauna, sempre presente. Talvez seja um dos melhores locais para avistar animais no Cerrado, além de contemplar uma paisagem muito exuberante, que ainda resiste e encanta.

O Parque Nacional das Emas resguarda 132 mil hectares, distribuídos entre três municípios: Chapadão do Céu e Mineiros, em Goiás, e uma pequena porção em Costa Rica, no Mato Grosso do Sul. A região conta com estrutura básica de visitação, apoio turístico e atividades guiadas para quem deseja explorar a fundo os campos naturais, observar a fauna ou procurar os famosos cupinzeiros luminosos.

Além dos safáris e da experiência da bioluminescência, o parque também reserva um lado mais aventureiro. Uma atividade marcante é a descida de bote pelo Rio Formoso, um curso de água verde-azulada que atravessa áreas ainda mais preservadas do parque. O passeio, oferecido por agências de Mineiros e por guias de Chapadão do Céu, combina trechos calmos — ideais para observar aves



aquáticas — com pequenas corredeiras, que acrescentam uma pitada de emoção ao percurso.

No conjunto, o Parque Nacional das Emas se revela não apenas como um reduto de biodiversidade e um dos mais raros palcos de bioluminescência do planeta, mas como um destino completo para quem deseja conhecer as mais belas feições do Cerrado, reafirmando que ainda existem, no Brasil, territórios capazes de nos lembrar da grandeza da natureza em sua forma mais pura. 📍



Acima, veado-campeiro no Cerrado. Na página ao lado, o amanhecer sobre o Parque Nacional das Emas e veredas do Córrego de Buriti Torto



CULTURA

O TEMPO QUE NAVEGA

*Ao ritmo do Nilo, seis dias de jornada entre Luxor e Aswan
revelam o Egito em sua essência, entre história, fé, sabedoria
ancestral e vida às margens do rio eterno*

POR PIMPA BRAUEN





Mítico no imaginário coletivo e definido por belezas naturais marcantes, o Egito guarda em cada pedra e em cada curva do Nilo fragmentos de uma civilização que nunca deixou de existir. São as águas desse rio que ditam o ritmo da vida desde o início da civilização egípcia. Entre as margens férteis e o deserto que circunda as cidades, o curso sereno segue como o fio condutor de uma civilização que aprendeu a conviver com o eterno.

De suas cheias nasciam colheitas, aldeias e templos. Impérios se ergueram, reinos caíram, enquanto ele permanecia – paciente, silencioso, testemunha de tudo o que o homem construiu e destruiu ao longo dos séculos. Líbios, persas, gregos, romanos, árabes e britânicos passaram por essas terras, mas o Nilo não se movia: transformava a instabilidade do deserto em permanência.

A travessia é mais do que contemplar paisagens. É atravessar suas camadas. Cada curva desperta algo entre o que fomos e o que ainda buscamos. Por lá, o peso da história e a leveza de uma vida ainda pulsam nas margens.

NO COMPASSO DO VENTO

Foi nesse cenário que embarquei na *Poppee*, uma *dahabiya* movida a vela, parte da frota da Nour El Nil, empresa que trouxe de volta o encanto das antigas travessias fluviais. Essas embarcações de madeira, criadas no século XIX para transportar a nobreza egípcia e os exploradores europeus, foram feitas para navegar em silêncio, no compasso do vento. Durante seis dias, percorri cerca de 250 km, entre as cidades de Luxor e Aswan, redescobrimo o Egito em uma travessia que me permitiu observar e sentir paisagens e história.

Com 12 cabines, entre suítes panorâmicas e quartos claros e espaçosos de madeira polida, a *Poppee* combina conforto e intimidade. Não há piscinas, bares e nem grandes restaurantes. Apenas a beleza silenciosa e um charme que se deixava descobrir. As velas, listradas de vermelho e branco, me encantavam como se fosse sempre a primeira vez. Havia poesia em vê-las se erguendo contra o vento e, mais tarde, recolhendo-se em silêncio – um espetáculo que não cansei de assistir.

A *dahabiya* seguia o curso do rio movida pelo vento. Às vezes, o ar soprava firme e as velas se abriam. Em outros momentos, ele cessava por completo, e um pequeno rebocador surgia discretamente para conduzir o barco na direção correta. Nada apressava a travessia. A bordo, a sustentabilidade está presente em cada detalhe da viagem. Equipada com painéis solares, a embarcação navega em uma doce rotina entre o rio e o céu.

Por volta das 6 e meia, o barco despertava devagar. No convés, a tripulação estendia uma toalha florida sobre a mesa de madeira, arrumava frutas, flores e jarras de sucos perfumados. Havia algo de

mágico nesse gesto e o dia ganhava ritmo. As refeições nasciam do caminho – do rio, das margens, das mãos que ofereciam iguarias.

O cardápio, preparado com ingredientes locais, é inspirado na vida simples ao longo do Nilo. Completavam a mesa homus, falafel, *baba ghanoush*, *koshary* e pão assado no dia, sempre servidos para compartilhar. Peixes, ervas e legumes comprados nas vilas próximas se transformavam em pratos de sabores leves e autênticos.

A tripulação era o fio invisível que costurava a experiência. Composta inteiramente de egípcios, ela guiava a jornada com naturalidade e gentileza. Era o próprio Egito quem conduzia o barco. Havia uma gentileza no modo como todos cuidavam de nós – uma hospitalidade que refletia a alma egípcia. O capitão conhecia cada curva e dividia histórias com a serenidade de quem já fizera do Nilo sua casa.

MISTÉRIOS DO ANTIGO EGITO

Foi em Esna, cidade mercantil ao sul de Luxor, que a travessia teve início. No Templo de Khnum, o deus que moldava a vida na argila, o teto azul

Acima, balões sobrevoam a cidade de Luxor, às margens do Nilo. Na página ao lado, as colunas milenares do complexo de Karnak, em Luxor

A *dahabiya*, embarcação movida
a vela, navega bem próxima
às margens, proporcionando
um contato com vilas isoladas,
pescadores e com o dia a dia *fellahin*





Ao lado, egípcia em vilarejo durante parada do cruzeiro e, abaixo, o magnífico Templo de Philae refletido nas águas do Nilo, em Aswan



ainda guarda estrelas e as colunas narram a criação do mundo a partir da água. Ao tocar as pedras frias do templo, tive a impressão de que guardavam algo misterioso e remoto – um saber que não se explica, apenas se sente.

Desci os degraus até o grande salão do templo, amplo e silencioso. O espaço parecia vivo: 18 colunas monumentais sustentavam o teto azul, salpicado de estrelas douradas. Cada coluna se abria como uma flor de pedra (com papiros, palmeiras, lótus), como se a flora do Nilo tivesse sido transformada em arquitetura. Recentemente restaurado, o teto revelou um zodíaco surpreendente, em que constelações egípcias, gregas e babilônicas se encontram em perfeita harmonia.

Nas paredes, o deus Khnum gira o torno com paciência infinita, moldando corpos humanos, enquanto Heket, a deusa-rã, sopra o sopro da vida. As colunas trazem inscrições com instruções de purificação – jejuar, cortar as unhas, banhar-se em natrão, pequenas disciplinas que aproximavam o corpo do sagrado.

Os arqueólogos descobriram ali uma antiga câmara com um sistema romano de aquecimento subterrâneo, usada nos banhos rituais. Fiquei impressionada com a inovação em um templo que unia fé e técnica, intuição e método.

Mais ao sul, em El-Kab, um sítio arqueológico pouco visitado, tumbas esculpidas na rocha mantêm cenas de batalhas e colheitas vivas em cores do passado. A antiga capital do Alto Egito abrigava o templo da deusa Nekhbet, a guardiã dos faraós. Havia algo de sagrado e protetor no espaço. A deusa, com as asas abertas, parecia vigiar quem se aproximava, como se concedesse permissão para cruzar a porta do templo, que é pequeno, mas cheio de vida. Há capelas dedicadas a Amon, Isis e Osíris, cada uma guardando uma parte do que restou da antiga fé egípcia. As paredes mostram oferendas, procissões e ritos de purificação, que revelam como o sagrado se misturava à vida cotidiana.

Perto dali, tumbas escavadas na rocha pertencem a nobres e governadores do Reino Novo. Nelas ainda se veem cenas de colheitas, caçadas e banquetes, acompanhadas por hieróglifos bem preservados, que registram feitos e preces. Algumas tumbas trazem o nome de Ahmés, filho de Abana, herói das guerras contra os hicsos, e de Paheri, um alto funcionário e escriba. As cores, mesmo desbotadas, ainda brilham sob o sol.



Ao lado e acima, cenas do cotidiano egípcio e fellahin (agricultores que vivem às margens do Nilo) entre sorrisos e construções de adobe

As águas do Nilo ditam o ritmo da civilização egípcia, transformando a instabilidade do deserto em permanência

Mais lentas e íntimas que os grandes cruzeiros, as *dahabiyas* velejam muito próximo às margens, ancorando diante de templos e de vilas isoladas, o que permite visitas a locais sagrados menos conhecidos, ainda intocados – um verdadeiro privilégio. Muitas vezes, atracávamos à noite perto de templos famosos e desembarcávamos bem cedo, quando o ar ainda era fresco e o silêncio absoluto. Caminhar sozinha entre as colunas, sem o burburinho dos grupos, deixava o cenário ainda mais impressionante.

EQUILÍBRIO E SABEDORIA

À medida que o Nilo avançava, surgiu Edfu, onde se erguia o Templo de Hórus, o deus-falcão. Cheguei até ele em uma carruagem, que cortava velozmente as ruas estreitas da cidade, com o som dos cascos ecoando entre fachadas antigas. As colunas se elevavam como muralhas, e os relevos mostravam a vitória de Hórus sobre Seth – a ordem triunfando sobre o caos. No alto do templo, o teto aberto deixava ver o céu, uma ponte entre o homem e o divino. Era de arrepiar, sendo impossível não sentir algo maior, como se as pedras ainda guardassem a força do sagrado.

Ao adentrar um grande portão guardado por duas estátuas de granito negro, que representam o deus-falcão, fui levada a um pátio amplo, cercado por colunas que parecem flores de pedra. A luz brilhava

intensamente e suavizava à medida que se avançava. O templo é um jogo de luz e sombra, som e silêncio. Há detalhes que passam despercebidos. No alto de uma parede externa, pequenas abelhas esculpidas em pedra lembram a união do Alto e do Baixo Egito. Em algumas colunas, ainda se veem as linhas vermelhas dos pedreiros, marcas de alinhamento deixadas mais de 2 mil anos atrás.

Edfu também guarda uma das versões mais antigas do mito da criação. Dizem que o mundo começou aqui, em uma ilha sagrada, que emergiu das águas do caos primordial. Talvez por isso o templo tenha essa serenidade, a sensação de ser o ponto onde tudo se iniciou. Durante séculos, ele ficou soterrado por areia e detritos. Quando foi redescoberto, no século XIX, estava quase intacto. A areia o protegeu e o esquecimento o preservou.

Nele o que mais impressiona é a clareza. Cada linha parece ter um propósito, cada proporção um equilíbrio. As colunas sustentam mais do que o teto. Sustentam a ideia de ordem. Edfu não busca grandiosidade, apenas perfeição. É um templo que ensina, em silêncio, que o equilíbrio é uma forma de sabedoria.

O EGITO COTIDIANO

Mais ao sul, a *Poppee* ancorou diante de uma vila. Caminhei por ruas de terra, ao lado de casas de adobe pintadas de azul e ocre. Crianças corriam descalças entre os burricos carregando feixes de palha. Havia uma serenidade que permanecia – um Egito que sobrevive fora dos templos, sustentado pela rotina e pela fé.

Seguindo o curso do Nilo, alcançamos Gebel Silsileh, onde ele se estreita entre falésias de arenito: é dali que saíam as pedras para a construção de templos e obeliscos. Os blocos

Os sussurros do vento movem a areia e o tempo no Deserto Al Haman



Passeios propõem travessias em camelos e, abaixo, o Museu do Crocodilo, em Kom Ombo. Na página ao lado, o Templo de Kom Ombo



eram cortados em tamanhos imensos e rebocados rio abaixo para dar forma às grandes obras do Egito antigo. As marcas de cinzel ainda estão ali – cicatrizes de uma fé talhada à mão. É possível imaginar o som dos pedreiros moldando os blocos que seguiam pelo rio. Um trabalho transformado em eternidade.

O lugar também tinha valor religioso. O Nilo era visto como uma força viva, e ali ele era cultuado. Nas paredes, pequenas capelas mostram oferendas a Sobek, o deus-crocodilo, e a Amon-Rá. No templo esculpido na rocha para Horemheb, há cenas de rituais e inscrições pedindo boas cheias e proteção.

Houve um dia em que o barco apenas navegou. O vento soprava firme, o rio corria tranquilo e as margens passavam devagar – palmeiras, búfalos, vilas adormecidas sob o sol. Paramos em uma curva larga. O calor convidava a mergulhar. Foi revigorante – a corrente leve, a água fria, o riso das crianças que vieram nadar comigo. Por alguns minutos, o rio virou uma festa. Mais tarde, esticar as pernas depois de um dia sob o sol foi um prazer simples.

Caminhei pelas falésias, com o vento balançando o corpo e o sol no rosto, atravessei uma pequena vila e um vale salpicado de pedregulhos gravados com hieróglifos egípcios antigos e inscrições da Idade da Pedra. Essas marcas ancestrais indicavam o ponto de partida da trilha mais curta pelo deserto rumo à Líbia – uma jornada que nos tempos antigos levava 28 dias. Lá de cima, o Nilo era uma linha azul cortando o mundo.





Ao lado, suíte panorâmica da embarcação *Poppee* e sabores locais servidos a bordo. Na página ao lado, o convés do veleiro



indicam que os sacerdotes não apenas conduziam rituais, mas também atuavam como curandeiros. Eles observavam, anotavam e transmitiam conhecimento. Cuidavam das pessoas com banhos, compressas, óleos e orações, unindo prática e espiritualidade num mesmo gesto.

O que se vê em Kom Ombo é a prova de que o Egito antigo já possuía uma medicina desenvolvida, baseada tanto na experiência quanto na fé. O templo era um espaço de acolhimento, um lugar onde se buscavam o equilíbrio e o bem-estar físico e espiritual.

Ao lado do templo, o Museu dos Crocodilos guarda múmias e ovos fossilizados, encontrados em túneis próximos. Eles foram deixados como oferendas ao deus Sobek. O local é pequeno, mas ajuda a entender a relação que os egípcios tinham com o Nilo, em um misto de respeito, medo e gratidão.

ASWAN E O NILO EM MIM

Mais ao sul, o ritmo mudava. As casas núbias, tingidas de azul e rosa e tons terrosos, refletiam o sol. Nos mercados, o ar se enchia de especiarias, hibisco, cardamomo e essências perfumadas. O calor era intenso, mas havia leveza. Aos poucos, o frenesi da cidade surgia no horizonte, e o fim da viagem teve o gosto da permanência. A sensação era a de ter acompanhado o rio por séculos, até entender que o tempo também corre em silêncio. O Nilo seguia adiante, constante, como se continuasse sua viagem por mim. 📍

O TEMPLO DA DUALIDADE

Mais adiante, o barco se aproximou de Kom Ombo, onde o campo ainda ditava o ritmo da vida e o reflexo dos arados acompanhava o curso do rio. O templo duplo dedicado a Sobek, o deus-crocodilo, e a Hórus, o Velho, celebrava as dualidades da vida – instinto e razão, fé e medo.

Kom Ombo parece um espelho. O templo tem duas entradas, dois pátios e dois santuários idênticos. Essa simetria representa a convivência entre dois deuses muito diferentes – Sobek, o deus-crocodilo, ligado às águas e à fertilidade, e Hórus, o Velho, o deus-falcão, associado à luz e à razão. Mesmo opostos, eles se equilibravam na proteção da vida e na manutenção da ordem. Caminhar por lá é entender este conceito: cada detalhe, das colunas às paredes com relevos, foi pensado para expressar a harmonia entre forças que se completam.

Além da função religiosa, o templo era também um centro de cura. Peregrinos vinham de várias regiões em busca de proteção e saúde, confiando no poder de Sobek. Em suas paredes, os relevos mostram muito mais do que cerimônias. Ali estão gravadas cenas que revelam o quanto os sacerdotes egípcios compreendiam o corpo humano e os cuidados com ele.

Em uma das paredes mais famosas, é possível ver instrumentos cirúrgicos – pinças, bisturis e frascos – junto de desenhos que representam ervas medicinais e fórmulas de tratamento. Essas gravuras



BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET



Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou revistaunquiet.com.br

ARTE

Coexistência e Reinvenção

Às margens do Rio Randselva, no coração da Noruega, surge o Kistefos, um verdadeiro Inhotim das altas latitudes, onde a história industrial encontra a arte contemporânea e a natureza

POR ERIK SADAQ

POR KONNY HEIN



M

al pousei no aeroporto internacional de Oslo, parti rumo a Jevnaker, no noroeste norueguês, em uma manhã clara demais para ser casual. Era meu aniversário e, talvez por isso, tudo parecia mais vivo: as árvores, a estrada, que de vez em quando revelava casinhas com telhados vermelhos, como pequenos cartões-postais aninhados na névoa da manhã, e a densidade à la Bergman, carregada de tudo o que não se diz, em que o mundo parece respirar junto com quem observa.

Decidi fazer essa viagem solo depois de rever o filme *O Sétimo Selo* e inspirado por *Memento Mori*, o último álbum do Depeche Mode, que esteve no topo das minhas *playlists* desde o lançamento e agora transformava a minha jornada até Jevnaker em um ritual: o silêncio, o cinema, a música, que insistem em nos lembrar da finitude, e a minha constante busca por arte. Foi essa combinação que me preparava para Kistefos, um lugar onde a história industrial, a arte contemporânea e a natureza coexistem, como se projetados para dialogar com quem chega atento, sensível, sozinho e inteiro.

Cachoeira de Kiste, a tradução de Kistefos, é o nome da fazenda que ocupava a área. Não se trata de um capricho poético, mas de uma versão da privilegiada geografia dessa região da Noruega. A água estava aqui antes da arte, do museu e da ideia de Christen Sveaas, empresário, colecionador e herdeiro dessa paisagem funcional.

PERSPECTIVA E PERCEPÇÃO

No século XIX, a A/S Kistefos Træsliberi, uma fábrica de celulose fundada em 1889 por Anders Sveaas, avô de Christen, utilizava a força da



água para mover turbinas e transformar a madeira em pasta, moldando a identidade da Noruega industrial. Décadas depois, em 1996, o neto e herdeiro transformou a antiga fábrica em um museu, preservando máquinas, canais, estruturas metálicas e cicatrizes. O resultado não é um monumento nostálgico, mas um organismo vivo, no qual arte contemporânea, mobiliário industrial e natureza convivem com uma surpreendente naturalidade.

Caminhar por Kistefos é aceitar uma sobreposição de tempos. Esculturas monumentais dão as boas-vindas já na área externa do complexo, surgindo entre árvores como se sempre tivessem estado ali. Tubulações enferrujadas dividem espaço com obras de artistas que parecem pensar o mundo em escala global, num lugar onde o Rio Randselva corre indiferente à curadoria, oferecendo ao visitante diferentes perspectivas de apreciação, de interpretações.

Eu sabia que me emocionaria ao dar de cara com *The Twist*, obra que transformou o museu em um destino internacional. O edifício pode ser definido como passarela, galeria ou apenas escultura. Projetado pelo Bjarke Ingels Group (BIG), o pavilhão se contorce sobre o Rio Randselva, conectando as margens, alterando a percepção do espaço. Ao atravessar o *The Twist* com pressa para aproveitar o tempo aberto nesse começo de outubro, sinto o peso da história da fábrica sob meus pés e a leveza da curadoria sobre minha cabeça. A luz natural invade



Acima, a antiga sede da fábrica A/S Kistefos Trælsbergi e o fundador da mesma indústria, Anders Sveaas, e sua equipe no início do século XX. Na página ao lado, interior do *The Twist*, a ponte-galeria do museu



por ângulos inesperados, e o vidro reflete a água e as árvores, transformando o ato de cruzar uma ponte em uma experiência artística.

Caminho pela margem olhando para trás a cada minuto para apreciar as formas do *The Twist* e dou de cara com centenas de troncos metálicos do dinamarquês Jeppe Hein. A estrutura parece flutuar sobre a água, formando um labirinto que desafia a gravidade e confunde o olhar. Essa imensa escultura espelhada é uma verdadeira instalação a céu aberto e conecta as imperfeições do solo às margens do Randslv. Na água, um anel metálico, assinado pelo badaladíssimo Anish Kapoor, faz meu coração bater mais forte. Como sempre, o artista indiano captura com leveza singela o ambiente, o céu e o reflexo das árvores da floresta, devolvendo uma versão distorcida e mágica da paisagem que me cerca. Tenho vontade de brindar.

Escondido entre algumas docas que servem de espaço para exposições temporárias, descubro um caleidoscópio de Olafur Eliasson, a mesma obra instalada no nosso Inhotim, que manipula a luz natural e cria efeitos efêmeros completamente diferentes das montanhas de Minas Gerais, e esculturas de Tony Cragg, surgindo de forma orgânica do chão e alterando minha percepção de volume do metal. As formas exuberantes de Fernando Botero e as inconfundíveis cores vibrantes das bolinhas de Yayoi Kusama acrescentam um humor inesperado à rigidez da antiga fábrica.



Acima, as obras *Path of Silence*, de Jeppe Hein (no alto), e *Energy-Matter-Space-Time*, de Petroc Sesti



Repleto de memórias e história, o Kistefos é um organismo vivo, onde arte contemporânea, mobiliário industrial e natureza convivem com surpreendente naturalidade

Ao lado, detalhe de *Points of View-Part 2*, de Elmgreen & Dragset. Acima, *Castor & Pullox*, uma das quatro esculturas de Tony Cragg no Kistefos



O impressionante
labirinto *Path of
Silence*, de Jeppe Hein



Em sentido horário, detalhe da mostra temporária de Kathleen Ryan, exibida na Nybruket Gallery, a peça *Shine of Life*, de Yayoi Kusama, a força de *All of Nature Flows Through Us*, de Marc Quinn, e *Female Torso*, de Fernando Botero

CELEBRAR COM ARTE

Como o Kistefos só está aberto entre maio e outubro, os curadores mantêm a tradição de hospedar apenas um artista temporário por ano. Na minha visita, pude conferir a maior retrospectiva dedicada à norte-americana Kathleen Ryan, cujas obras exploram a tensão entre forma, espaço, sustentabilidade e memória. Com pavilhões repletos de esculturas delicadas e instalações imersivas, a mostra parecia capturar tanto a história da paisagem quanto a intimidade do observador.

Apesar do simpático café coberto, escolho como cenário para meu brinde e almoço de aniversário um pequeno restaurante, com vista para a obra de Jeppe Hein e para *The Twist*. Com uma taça de tinto e um *smørrebrød*, o sanduíche instituição escandinavo (pão escuro integral, coberto com salmão, arenque, ervas e conservas, consumido aqui, na Suécia e na Dinamarca), celebro, sozinho, mais um ano de vida e o quão privilegiado me sinto por mais uma descoberta *artsy*.





Acima, *The Twist* visto do alto, em meio às florestas que cobrem a propriedade. Ao lado, a obra *River Man*, do coletivo A Kassen



Há algo profundamente poético no equilíbrio imperfeito criado no museu. Nada é excessivamente polido. Nada é apenas decorativo. A arte exige atenção, o solo exige cuidado. Independentemente da estação, a alta latitude faz o corpo sentir o frio e o cheiro da água e da madeira antiga. Trata-se de um centro de arte que se experimenta com os sentidos antes de ser entendido intelectualmente, o que, para mim, soa como a melhor definição de celebração. No meu aniversário, Kistefos não foi apenas um destino, mas um estado de espírito: a constatação de que lugares podem envelhecer com dignidade, que a indústria pode se tornar poesia e que uma cachoeira, se ouvida com atenção, é capaz de mover muito mais do que máquinas.

Em 2026, o Kistefos apresentará, no espaço The Twist, obras de Ragna Bley, Ida Ekblad, Oscar Murillo e Albert Oehlen, além de uma grande exposição individual dedicada à artista norte-americana Issy Wood. Uma nova escultura monumental de Dana Schutz será inaugurada na primavera e, no outono, outra assinada pela francesa Marguerite Humeau.



The Thief, a Preferred Hotel

Em menos de uma hora de viagem, avisto os edifícios de Tjuvholmen, um antigo enclave de salteadores e hoje um vibrante centro de arte contemporânea, gastronomia e vida urbana à beira do fiorde. O moderníssimo The Thief, um membro da Preferred Hotels, localizado em meio a vias pedonais, com vista para o Astrup Fearnley Museum of Modern Art, projeto de Renzo Piano, é o local que escolhi para encerrar o meu dia de comemoração na capital norueguesa. Do hotel é possível caminhar até o novíssimo Museu Munch, ao Museu Nacional e a áreas animadas, como a Aker Brygge, repleta de cafés, bares e lojas. O restaurante do The Thief serve pratos de inspiração internacional, incluindo badalados sanduíches japoneses, perfeitos para recarregar as energias entre uma andança *artsy* e outra. Já o *rooftop bar*, com a vista panorâmica de Oslo, é a parada perfeita para um drinque ao chegar ao hotel ou antes de explorar a vida noturna e gastronômica de uma das capitais mais ao norte do planeta. 📍



BENEFÍCIOS
EXCLUSIVOS UNQUIET



Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou revistaunquiet.com.br

ESPORTE

SOB O SOL DA SUÍÇA

*Zermatt e Crans-Montana no verão: a descoberta
de uma nova face do país perfeito, entre esportes para todos
os gostos, grandes hotéis e muita vivência natural*

POR NATHALIA HEIN





Ao lado, vista do majestoso Matterhorn, um dos principais destinos de esportes como alpinismo e esqui, mesmo no verão

Poucos destinos têm imagens tão bem associadas ao inconsciente coletivo quanto a Suíça. Paisagens alpinas. Vaquinhas pastando com sinos pendurados no pescoço. Chocolates. Relógios. Fondue. Esqui. Neve. O frio. A verdade é que a paisagem propicia o estereótipo de destino de inverno, com muitos *resorts* de esqui amplamente popularizados entre os viajantes do mundo inteiro. Eu mesma, confesso, só tinha visitado o país como um destino “de frio”, nas diversas vezes em que o fiz.

Qual não foi minha surpresa ao descobrir na Suíça um lugar que, ao contrário de tantos outros, acumula predicados no verão sem abrir mão de nenhuma vantagem do inverno. Explico: no verão a paisagem segue perfeita, com picos de neve dominando o horizonte a cada novo panorama. O clima é gentil, sem temperaturas extremas, sempre propício para atividades ao ar livre a qualquer hora. Os lugares se mantêm com uma densidade equilibrada, com espaço para todos e raríssimas filas. O *timing* continua perfeito, com os horários preservados para atividades e transportes. E as possibilidades são incontáveis, especialmente para quem se propõe a vivenciar o potencial natural dos alpes no calor.

SUA MAJESTADE, O MATTERHORN

Quando o trem deixou a estação de Genebra, setembro anunciava o final de uma temporada ensolarada e alegre, com os termômetros já marcando temperaturas mais amenas, mas ainda agradáveis o suficiente para se declarar o equinócio do outono. Depois de uma troca rápida e ágil na estação de Visp, embarquei no Matterhorn Gotthard Bahn, rumo a Zermatt, e, à medida que o trem subia por uma ferrovia sinuosa e cênica, observei uma paisagem inacreditavelmente perfeita se descortinando pelas janelas: a figura imponente do majestoso Matterhorn dominava o cenário, com sua face rochosa, em formato piramidal, recortada com nitidez, em destaque contra o céu límpido e de um azul intenso, e seus picos ainda (e sempre) marcados pela neve branca e farta. No mesmo panorama, prados verdejantes se estendiam, ora pontuados por flores silvestres, ora por trilhas bem desenhadas ou rebanhos de vacas e ovelhas.

O impacto da chegada a Zermatt, cuja anfitriã é justamente a montanha mais emblemática do país, é um acontecimento. Alia-se a isso o fato de



Zermatt manter o clima e a cor de um vilarejo tipicamente alpino do cantão do Valais, com algumas construções preservadas dos séculos XVI e XVIII na área conhecida como Old Village. Também não é permitida a entrada de veículos comuns. Apenas carros elétricos, a maior parte de serviços, circulam pelo pequeno centrinho, cujo ritmo é tão descontraído quanto eclético. Se no inverno o lugar se torna o epicentro de esquiadores, no verão Zermatt é bem mais democrática nos esportes. São centenas de trilhas sinalizadas para a prática de *mountain bike* (mais de 100 km de trilhas), *hiking*, *trekking* (300 km), cavalgadas e pescaria, entre outras modalidades, que atraem atletas de todos os níveis, idades e nacionalidades. Para os afeitos à adrenalina, o terreno permite atividades como *paragliding*, parapente, rapel e *tours* de helicóptero, com pontos extraordinários, tanto geográfica quanto visualmente, para os saltos.

A melhor maneira de começar a explorar a região e se orientar sem medo de ser feliz é baixar o aplicativo Matterhorn, em que há mapas e informações sobre reservas, eventos, clima e outras possibilidades de experiências na cidade.

Tudo tem a cara do lugar, a começar pela hospedagem. Dentre a farta seleção de hotéis que se estendem ao longo da Bahnhofstrasse, a princi-



pal rua de Zermatt, o Mont Cervin Palace é um dos clássicos mais notáveis e elegantes. Aberto em 1852, ele preserva o estilo alpino clássico, com muita madeira na decoração, e tem quartos com varandas voltados para o Matterhorn e restaurantes que elevam o hotel a polo gastronômico, a exemplo dos restaurantes Grill, onde os destaques são as carnes de altíssima qualidade, e do estrelado Ristoranti Capri, que traz os sabores mediterrâneos aos alpes.

MAR DE MONTANHAS

Minha aventura propriamente dita começou de-



pois de uma noite de conforto e aconchego no hotel. Logo cedo, segui para a Estação Gornergrat Bahn, que também fica na via principal, e embarquei no trem da histórica ferrovia de cremalheira, que conduz até o topo do Gornergrat, num trajeto de aproximadamente 30 minutos, com vistas que encham os olhos a todo momento. O fim da linha, a 3.100 m de altitude, é outro deleite, com cenários espetaculares – a partir de uma plataforma, observam-se as geleiras do maciço do Monte Rosa e do Matterhorn. Mesmo no verão, as temperaturas no topo são gélidas: é preciso lançar mão de um bom casaco para percorrer a plataforma, que conta ainda com uma série de experiências, incluindo o *Zoooom the Matterhorn*, que permite uma “expedição multimídia” pela lendária montanha. Há também restaurantes cênicos para quem quiser aproveitar mais a vista, como o Glacier Alpine Kitchen e o Sky Lounge, além das lojinhas de souvenirs. Depois de percorrer a plataforma e cair de amores pela vista dos picos, escolhi tomar o trem de volta até uma das estações intermediárias. Desci em Riffelalp, a 2.111 m, e ingressei pela Nature Trail, uma trilha de cerca de duas horas através da floresta de pinheiros, com paisagens cênicas a todo momento, até retornar ao vilarejo. Um momento de conexão com a natureza e de exercício moderado num dos lugares mais belos da Europa.

De volta ao centro de Zermatt, é fácil perceber que a influência germânica prevalece tanto na língua quanto nos traços culturais e na arquitetura, predominantemente herdada da cultura Walser, com chalés de madeira escura, alegres floreiras coloridas nas fachadas e celeiros elevados sobre pilares de pedras. Embora cosmopolita, Zermatt tem o ritmo regido pela eficiência, previsibilidade, polidez, funciona-

Na Suíça, o respeito irrestrito à natureza é prioridade e determina a criação de trilhas e a viabilidade de esportes e de experiências em cada região

Acima, ciclista se aventura nas montanhas de Zermatt, onde há centenas de trilhas para o esporte. Na página ao lado, *paragliding* sobre o Matterhorn e corrida na mesma região, tendo o maciço ao fundo



lidade e respeito irrestrito à natureza.

De volta ao Cervin Palace, o Spa Nescens é uma grata recompensa depois de um dia de caminhadas. Além de uma carta de tratamentos que inclui massagens de recuperação esportiva – muito popular entre os esquiadores no inverno –, ele conta com uma estrutura com piscina *indoor* aquecida e jacuzzis terapêuticas emolduradas em janelas cênicas, que conectam o ambiente à natureza.

Acordei revigorada e, depois de fazer *check in* no descolado Schweizerhof Hotel – que, assim como o Mont Cervin, é parte da coleção hoteleira irretocável do portfólio da grife Michel Reybier Hospitality e fica na mesma calçada, a apenas a alguns passos de distância –, segui para o momento mais esperado pelos visitantes de Zermatt: a subida ao Matterhorn Glacier Paradise, cuja estação inicial fica no vale, a uma curta e agradável caminhada a partir do centro.

NO TOPO DO MUNDO

Intensa e inesquecível, a experiência impressiona tanto pela altitude extrema (3.883 m) quanto pela

combinação de paisagem glacial, engenharia alpina e a sensação de estar, literalmente, no topo da Europa, já que o Glacier Paradise é a estação de teleférico mais alta do continente.

A jornada tem início na base, em Zermatt, e leva de 45 a 50 minutos, combinando gôndolas modernas, que sobem gradualmente por Furi, Trockener Steg e, por fim, Klein Matterhorn, onde está o Glacier Paradise. Difícil descrever o impacto que cada trecho da subida causa, já que a paisagem vai se tornando mais dramática e impressionante à medida que o Matterhorn surge em novos ângulos, o ar fica mais rarefeito e gelado e o silêncio preenche tudo. O grande momento visual é na subida à plataforma de observação, com uma vista de 360° sobre três países (Suíça, Itália e França) e também sobre 38 picos, 14 geleiras e as lendárias montanhas Mont Blanc, Eiger, Jungfrau e Breithorn, a partir de impressionantes 3.883 m de altitude.

Não deixe de explorar o Glacier Palace, 15 m abaixo da superfície do glacial, onde é possível caminhar por túneis esculpidos no gelo milenar. No mesmo lu-

Ao lado, o trecho da Gornergrat Bahn, ferrovia histórica panorâmica, que conduz até a o topo da montanha e, abaixo, *trekking* em direção ao Matterhorn. Na página ao lado, vista sobre a encantadora Crans-Montana



gar há ainda um “cinema”, onde passam filmes sobre alpinismo e a história da região, e um restaurante. Mesmo no verão, a depender da qualidade da neve, é possível esquiar: na Geleira Theodul, acessível também pelo teleférico Glacier Paradise, há cerca de 20 km de pistas para esqui e *snowboard* em qualquer época do ano. Um sonho para os esquiadores!

A volta se dá com o mesmo assombro pela beleza natural, mas a adrenalina vai caindo, à medida que a gôndola perde altitude e o corpo, de novo, se acostuma ao estado natural de Zermatt. Ainda no vilarejo, o Matterhorn Museum – Zermatlantis é um museu subterrâneo, que conta, de forma impressionante, a história da montanha e sua importância natural e histórica.

Meu último dia em Zermatt foi marcado pela profunda sensação que, na psicologia, é chamada de *awe* (ou assombro reverente): a percepção de algo tão grande a ponto de reorganizar a nossa noção de escala, importância e controle. O Matterhorn, de alguma forma, me transformou.

Passei a última noite embalada pela beleza e pela hospitalidade irrepreensível do Schweizerhof Hotel, mais uma inesquecível experiência no spa do hotel e jantar no espetacular restaurante Kitchen, um de seus restaurantes, onde *glamour* e *savoir-vivre* encontram o melhor da gastronomia epicurista por meio de ingredientes frescos e finalizações perfeitas.

EM BUSCA DO VALE ENCANTADO

Sempre impressionada pela impecável pontualidade e pela funcionalidade quase inacreditável dos serviços suíços, segui para o meu próximo destino. De Zermatt, embarquei de volta para Visp, onde troquei de trem em direção a Sierre/Siders. Ao descer na estação, uma curta caminhada me levou ao funicular que faz a subida até Crans Montana, em outro curto e agradável trajeto.

Não precisei de muito tempo para perceber que acabara de adentrar em uma espécie de “pequeno reino encantado”, dessa vez com sotaque francês. Estendendo-se do Vale do Ródano à Geleira Plaine-Morte, a 3.000 m de altitude, Crans-Montana parece de mentira. *Point* badalado de esqui no in-



verno, no verão ele ganha tons alegres, com uma luminosidade quase mágica, e evoca a paz e a perfeição, oferecendo formas e vistas perfeitas para uma cadeia de picos que se estende do Bietschhorn ao Mont Blanc, passando pelo Matterhorn.

Lagos, florestas, geleiras, vinhedos, trilhas, cachoeiras e um favorável clima de alegria incitam, imediatamente, o visitante a explorar seu potencial natural. Meu primeiro contato com a cidade se deu pelas varandas panorâmicas do espetacular Crans Ambassador Hotel, também membro da seleta coleção de Michel Reybier.

Um destino essencialmente familiar, Crans Montana é formada pela união de duas vilas, Crans e Montana, que combinadas agregam um mix interessante de autenticidade alpina e um toque cosmopolita.

Escolha frequente de aficionados por esqui pela localização *ski in/out* e pela proximidade com as gôndolas, o Crans Ambassador é também um *resort* perfeito para curtir os dias de verão. A estética de chalé contemporâneo lança mão de materiais naturais, grandes superfícies envidraçadas e linhas modernas, que criam uma atmosfera elegante e luminosa. Os 56 quartos e suítes têm terraços voltados para os Alpes, sendo um convite frequente à imersão na natureza.

Dediquei meu primeiro dia a conhecer as instalações e me deleitar com a sofisticação do hotel, que, além de tudo, tem um spa criado para ser um verdadeiro santuário de recuperação física e mental – ali fiz uma massagem relaxante maravilhosa – e restaurantes gastronômicos, com destaque para o La Muña, de cozinha *nikkei* (técnicas japonesas e ingredientes peruanos) impecável e, de novo, com vistas de tirar o fôlego.

No dia seguinte, com o sol brilhando alto no céu azul, encontrei meu guia e companheiro de passeio para explorar a cidade a bordo de uma *e-bike*. Sem pressa e com tempo para apreciar cada novo *spot*, percorremos a atmosfera tranquila e residencial de Montana, com seus lagos, praças e famílias em ritmo de férias, e desbravamos as ruas elegantes, feitas de lojas, cafés e restaurantes de Crans. Também ali está o campo de golfe Crans-sur-Sierre, que, além de excelente, com três campos de 18 buracos, é constantemente listado entre os mais belos do mundo, com vista para o Vale do Ródano, tendo o Mont Blanc e o Matterhorn como panorama a cada tacada.

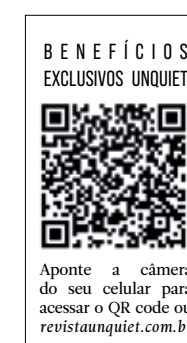
Depois de passar pelo campo de golfe, seguimos para o passeio propriamente dito, pelo espetacular Tièche Valley, um caminho sinuoso e perfeito

também para a prática de *mountain bike*, brindado a todo tempo com vales frondosos e vista dos alpes, de pequenas casinhas e de vaquinhas pastando. Terminamos o *tour* à mesa do restaurante Mayen de la Cure, que serve uma cozinha alpina tradicional, um luxo para a alma e para o paladar, e de onde é possível apreciar o céu sendo colorido por *paragliders*, um esporte cheio de *points* perfeitos para salto no *resort*.

Os dois dias que se seguiram em Crans-Montana intercalaram programas *outdoor*, como caminhadas e *stand-up paddle* nas águas calmas e aprazíveis do Lago Moubra, com surpresas enogastronômicas para descobrir os vinhos do Valais. São surpreendentes os rótulos provenientes de vinícolas da região, com destaque para as uvas Petite Arvine e Cornali, entre as 58 variedades produzidas no vale e apresentadas de forma simpática no lindo Di-Vino L'Enothèque de Crans.

Ao me despedir do verão suíço, levei comigo a sensação reconfortante de ter, de fato, conhecido um novo país, mesmo tendo estado nele tantas vezes. Sob o sol e o calor, a Suíça tem outras cores, outros sabores, outras propostas, mas sempre os mesmos bons valores e costumes. Um lugar para voltar a qualquer hora! 📍

Acima, a fachada e vista da piscina do spa do Crans-Ambassador, em Crans-Montana. Na página ao lado, em sentido horário, área externa do hotel Schweizerhof, fachada no Mont Cervin Palace no inverno, e um dos aconchegantes quartos em estilo alpino do mesmo hotel, e o ambiente cosmopolita do restaurante La Muña, do Schweizerhof: em Zermatt





FOTOS: FOTOARENA E GETTY IMAGES

Bilbao

diversidade natural

A capital do País Basco surpreende com uma Espanha queer além do roteiro tradicional

POR ERIK SADAQ



Longe da exuberância de Madri ou da energia solar de Barcelona, a capital do País Basco criou uma cena *queer* mais noturna e *underground*, profundamente conectada à sua identidade artística. De passado industrial, densa e orgulhosamente alternativa, Bilbao me lembrou mais Glasgow do que qualquer cidade espanhola. Uma paisagem urbana marcada pelo passado operário, pela música indie e rock e por uma herança cultural com fortes raízes nos anos 1980 e 90, viva nas ruas e nas pistas de dança.

Nas ruas estreitas do Casco Viejo, o coração histórico, a atmosfera de Bilbao se manifesta diariamente. Copos nas mãos, conversas cruzadas e risadas misturadas ao som de clássicos que vazam das portas de bar com pinta de boteco. Todas as noites, com um movimento intenso nos finais de semana, os jovens ocupam o espaço público de forma espontânea e barulhenta. Copos passam de mão em mão, grupos se formam e se desfazem, com a socialização em movimento, entre as portinhas dos bares. Nesse contexto, a cena LGBT da cidade não se organiza em guetos rígidos, se misturando naturalmente ao cotidiano urbano em um ambiente fluido, inclusivo e surpreendentemente acolhedor.

UMA CENA SEM GUETOS, SEM RÓTULOS

Alguns bares funcionam como pontos de referência da cena *queer*. O Badulake talvez seja o mais emblemático: simples, sem afetação, com música alta, clima descontraído e público fiel, é um espaço onde a diversidade se expressa sem a necessidade de explicação. O El Balcón de la Lola atrai um público variado e animado, enquanto o Conjunto Vacío aposta em uma programação mais experimental, misturando arte, performance, música alternativa e uma estética orgulhosamente *queer*.

Para quem busca uma experiência mais próxima de um *club* de Madri ou Barcelona, o Kafe Antzokia ocupa um lugar central na vida noturna, com shows, *line-up* variado de DJs e uma curadoria musical que mescla o pop com sons indie e rock. Já o Cotton Club Bilbao oferece noites sempre dançantes, privilegiando a eletrônica, sem perder o espírito inclusivo e despretensioso.

Em sentido horário, vista sobre Casco Viejo, o centro histórico de Bilbao, movimento em bar no mesmo bairro e as luzes da cidade se refletindo no rio Nervión



Acima, um dos ambientes e fachada do Azkuna Zentroa-Alhondiga, projetado por Philippe Starck. Ao lado, as linhas futuristas do Museu Guggenheim Bilbao e a obra *Puppy*, de Jeff Koons



Como é comum nas *movidas* espanholas, a paqueta rola de um bar a outro, com o fluxo ensaiado de encontros que começam na rua, continuam no balcão e, muitas vezes, terminam na pista de dança. Em Bilbao, esse trânsito é orgânico. As conversas surgem naturalmente entre desconhecidos e o flerte acontece mais pela afinidade do que pelos códigos fechados de aplicativos de paquera, aqui simples coadjuvantes de uma vida noturna que privilegia o contato direto e a presença física. Mesmo sem uma concentração gigante de lugares explicitamente LGBT, a cidade se mostra confortável com a diversidade. Casais circulam sem sobressaltos, grupos mistos dividem mesas e pistas e a convivência soa genuína, não performática. Bilbao não parece interessada em rotular sua cena *queer*. Ela simplesmente a incorpora como parte do tecido urbano.

TRADIÇÃO E VANGUARDA LADO A LADO

A cena LGBT não pode ser dissociada do papel central que a arte e a cultura desempenham em Bilbao. O Museu Guggenheim Bilbao, projetado por Frank Gehry, colocou-a há anos no mapa *artsy* internacional como o motor de uma transformação urbana e cultural. Mais que um museu, o inconfundível edifício de formas orgânicas se tornou um símbolo da reinvenção da cidade, com galerias de arte e centros como o Azkuna Zentroa-Alhondiga – um impressionante projeto de restauração concebido por Philip Starck, que transformou um antigo armazém de vinhos em um espaço que mistura o passado industrial com a experimentação contemporânea. Os espaços não apenas abrigam concorridas exposições e eventos, mas funcionam como plataformas de encontro e visibilidade para expressões dissidentes, muitas vezes alinhadas a discursos *queer*, feministas e antinormativos.

Ao lado deles, o Museu de Belas Artes de Bilbao oferece um contraponto mais clássico, mas igualmente relevante na construção da identidade cultural da cidade. Com um acervo que percorre da arte antiga



Acima, vista do Rio Nervion e do mercado da cidade e, ao lado, a margem esquerda do Casco Viejo



à produção contemporânea, com ênfase em artistas bascos e espanhóis, o museu ancora a efervescência criativa em uma narrativa histórica ampla, em que a tradição e a inovação convivem sem conflito.

Com tantos museus e centros de arte, em Bilbao a cultura não opera como vitrine, mas como uma prática cotidiana. Festivais independentes, mostras de cinema, performances e projetos colaborativos ocupam tanto instituições consolidadas como espaços alternativos, criando um ecossistema criativo que dialoga diretamente com a vibrante vida noturna e a cena LGBT. A arte, aqui, não está separada. Ela atravessa bares, clubes e ruas, alimentando uma atmosfera de abertura e curiosidade.

MENOS ESPETÁCULO, MAIS PERTENCIMENTO

É essa integração que explica por que a experiência *queer* em Bilbao é menos marcada por circuitos compartilhados. A cidade parece entender a diversidade como parte de seu processo de reinvenção. Entre o titânio do Guggenheim e os espaços reinventados por Starck, Bilbao construiu uma cena cultural que não apenas acolhe a diferença, mas se transforma a partir dela.

No fim das contas, talvez seja exatamente a ausência de espetáculo e a integração dos espaços que tornam Bilbao tão interessante. Sua cena LGBT não grita, não se vende como uma atração turística e nem tenta competir com suas irmãs espanholas. Ela existe à sua maneira, noturna, intensa e até um pouco crua. É o destino ideal para quem busca menos glitter e mais autenticidade, menos pose e mais verdade. Bilbao se revela aos poucos como um destino surpreendentemente *queer*. 📍



ENSAIO

Caminho das águas

*Entre montanhas e cavernas profundas,
Marcio Cabral transforma paisagens
extremas em imagens que unem inovação,
contemplação e consciência ambiental*







Viajar, para Marcio Cabral, sempre foi mais do que um deslocamento — foi um impulso criativo. O fotógrafo iniciou sua relação com a imagem em 1998, movido pelo desejo de eternizar paisagens e experiências. “Senti a necessidade de registrar os lugares que visitava”, lembra. A curiosidade virou estudo, o estudo virou equipamento profissional e, rapidamente, a fotografia passou de interesse pessoal a caminho definitivo.

O ponto de virada veio em 2000, com uma reportagem de capa sobre a Chapada dos Veadeiros para a revista *Horizonte Geográfico*. O trabalho, elogiado pela força visual, abriu portas para publicações nacionais e internacionais e consolidou sua presença no universo da fotografia de natureza. A partir dali, Marcio seguiu aprofundando sua linguagem e apostando em territórios pouco explorados.

Em 2008, ele escolheu a fotografia panorâmica como sua especialidade. Dois anos depois, ao atender à demanda por imagens subaquáticas dos rios de Bonito (MS), decidiu unir técnica, inovação e ousadia. O resultado foi pioneiro: os primeiros panoramas subaquáticos do Brasil. “Aproveitei essa oportunidade para unir a minha experiência em panoramas com a inovação de trabalhar em ambientes aquáticos”, explica. O feito lhe rendeu três recordes

mundiais consecutivos reconhecidos pelo *Guinness World Records*, incluindo uma imagem subaquática de 827 megapixels — ainda imbatível.

A diversidade é a marca registrada de seu trabalho. Paisagens, cavernas, astrofotografia, ambientes subaquáticos e panoramas extremos convivem em um portfólio premiado internacionalmente mais de 160 vezes. “Procuro diversificar. Essa escolha me permite explorar cenários muito distintos, do fundo do mar às altas montanhas”, afirma.

Entre os lugares que mais o impactaram estão El Chaltén e Torres del Paine, na Patagônia, além dos cenotes mexicanos, do Abismo Anhumas e o mergulho no santuário Jardines de la Reina, em Cuba. Já o desejo de explorar novos horizontes inclui Islândia, Namíbia, Polinésia Francesa, Madagascar e Indonésia, além de retornar a destinos brasileiros, como Jalapão, Lençóis Maranhenses e Chapada Diamantina.

Seu processo criativo começa antes mesmo da viagem, com mapas, estudos no Google Earth e planejamento de luz. Ainda assim, ele respeita o imprevisível. “Na fotografia de natureza, o clima manda”, diz.

Mais do que imagens de impacto, Marcio busca despertar a consciência. “Quero que cada imagem seja um convite para conhecer, admirar e gostar da natureza porque acredito que só se preserva aquilo que se ama.” 📍

GASTRONOMIA

MÉXICO NATAÇA

Uma viagem pelos vinhedos do Valle de Guadalupe, na Baja California, revela rótulos de personalidade marcante e grandes momentos de vivência enogastrônômica

POR DANIELLA ROMANO





Acima, vinhedos, com a propriedade El Cielo Winery ao fundo. Na página ao lado, Sala de Barricas, no mesmo *wine resort*

Eram 6 da manhã quando entrei no carro rumo a um dos destinos que mais ansiava conhecer. A estrada seguia ladeada pelo azul profundo do Pacífico, o ar quente e salgado entrava pelas frestas da janela, um céu sem nuvens iluminava tudo e eu estava simplesmente feliz por estar ali.

A viagem deixou de ser apenas um trajeto e passou a fazer parte da experiência: uma das rotas mais bonitas da Costa Norte, com o oceano acompanhando boa parte do caminho. Nas curvas de Santo Tomás, o cenário ganhava dramaticidade, com montanhas recortadas, falésias íngremes e pequenas praias escondidas. Tudo parecia anunciar que algo especial estava por vir. Então, quase sem perceber, o vale surgiu, silencioso e dourado, com vinhedos brotando do deserto sob um intenso céu azul. Eu finalmente chegava a meu destino: o Valle de Guadalupe, na Baja Califórnia.

Viajar para conhecer vinícolas acompanha minha vida há quase duas décadas. Mais do que trabalho, tornou-se um modo de observar o mundo: descobrir rótulos, explorar regiões emergentes, provar uvas pouco conhecidas e ouvir histórias de quem transforma sonhos em vinho. Essa mistura de *terroirs*, paixões e criatividade sempre me moveu. Como jornalista especializada e presidente para a América Latina do The World's 50 Best Vineyards, sigo em busca de lugares que revelam não apenas vinhos, mas culturas e experiências que permanecem na memória.



VINHOS COM IDENTIDADE

O Valle de Guadalupe é um desses cenários que parecem existir entre tempos. Antigo na história, recente no reconhecimento. Embora as primeiras videiras tenham chegado com os missionários, foi nos últimos 15, 20 anos que o vale ganhou força e passou a conquistar o olhar de quem acompanha o vinho nas Américas. Sustentado por um microclima mediterrâneo, influenciado pelas brisas do Pacífico, com dias quentes e secos e noites muito frias, ele oferece a amplitude térmica ideal para que Nebbiolo, Syrah, Grenache e Tempranillo encontrem identidade própria.

Entre muitas opções, escolhi como base o El Cielo Winery. Fui recebida com carinho pelos proprietários, Gina Estrada e Gustavo Ortega. O El Cielo é um *wine resort* com vilas espalhadas entre as vinhas. A minha tinha lareiras interna e externa, janelas amplas e uma vista que mudava ao longo do dia. Acordar ali era ver o vale se iluminar aos poucos. À noite, o céu parecia ainda mais próximo, como se o deserto amplificasse o brilho das estrelas. Esse cenário, de ritmo lento, foi o ponto de partida para mergulhar nas experiências que a vinícola oferece.

Na primeira noite, participei de um jantar à luz de velas na cave. Cada prato da culinária local era harmonizado com rótulos da casa. A escuridão suave, os pontos de luz e o perfume das barricas criavam

Entre o deserto e o Pacífico, o *terroir* do Valle de Guadalupe produz vinhos com identidade própria, força, tipicidade e caráter

Ao lado, a *sommelière* Gina Strada e o CEO Gustavo Ortega em colheita de uvas em vinhedo do vale e, abaixo, prato harmonizado com espumante no Latitud 23



um ambiente acolhedor. Não demorou para entender por que o Valle de Guadalupe vem sendo chamado de “Napa Valley mexicana”. O *terroir* é realmente especial: protegido por montanhas, banhado pela brisa fria do Pacífico e sustentado por um solo pedregoso, que parece entregar à videira exatamente o necessário. Os vinhos têm força, tipicidade e caráter, seja nos Chardonnays e Cabernets, seja na intrigante Nebbiolo mexicana.

Uma das experiências mais marcantes foi a *masterclass*, em que comparei a Nebbiolo local com a sua “prima” italiana. Por muitos anos confundida com a

Nebbiolo do Piemonte, hoje sabe-se que ela é um clone da Alexandria, mas ganhou no vale um caráter tão próprio que parece outra uva.

SABORES COMPLEMENTARES

Ao longo dos dias, o que mais me encantou foi perceber como os vinhos locais dialogam naturalmente com a culinária picante da região, algo que nem sempre permite harmonizações simples. Ali, porém, tudo se encaixava. O frescor dos vinhos suavizava a intensidade dos pratos e, em outros momentos, a força da comida realçava camadas que eu talvez não percebesse sozinha.



Acima, em sentido horário, vista sobre o *resort* El Cielo e o vale, marcado por vinhedos, lagos e montanhas, a Pergola, para jantares românticos, e o Zeus, um dos rótulos da El Cielo Winery



Ao lado, a piscina do El Cielo e, na página ao lado, passeio para a exploração da propriedade El Cielo Winery

Outra parada imperdível é a Bruma, que representa o lado mais contemporâneo da região. A vinícola parece brotar da terra, com uma arquitetura integrada à paisagem, luz natural filtrada por estruturas orgânicas e uma atmosfera que mistura arte, natureza e vinho.

Hoje o Valle de Guadalupe produz cerca de 70% de todo o vinho mexicano e, ainda assim, permanece voltado quase exclusivamente ao consumo interno. Isso explica por que seus rótulos raramente chegam ao Brasil e, em muitos casos, nem aos Estados Unidos. Talvez seja justamente essa limitação que o torne tão desafiador: um território que cresce à própria velocidade, revela vinhos de personalidade marcante e vê seu enoturismo florescer em ritmo próprio. Há no ar a sensação de que o vale está descobrindo sua voz.

O Valle de Guadalupe foi, sem dúvida, um desses encontros raros, que deixam uma marca e pedem para ser revisitados. 📍



Ora frescos, ora intensos, os vinhos locais dialogam naturalmente com a culinária picante da região, realçando os sabores

Essa integração abriu espaço para descobertas surpreendentes, como chocolates artesanais criados para rótulos específicos e uma imersão em realidade virtual que ampliava aromas e texturas.

Aproveitando os dias ensolarados da Baja, caminhei entre as vinhas, conheci a horta orgânica do El Cielo e colhi ervas, figos e tomatinhos, usados em um almoço leve e perfumado. Em outra noite, jantei no Latitud 23, premiado pelo *Guia Michelin*, onde harmonizamos ostras frescas com o Sauvignon Blanc Cassiopea.

Outra vivência inesperada foi conhecer as águias usadas para o controle natural de pragas. Treinadas, elas substituem métodos químicos e reforçam a vocação sustentável da região. Em um clima tão seco e sensível quanto o da Baja, é admirável ver técnicas ancestrais convivendo com uma enologia moderna e uma gastronomia de alto nível.

Embora ainda pouco conhecida por muitos *wine lovers* e profissionais, a região já reúne cerca de 200 bodegas, entre projetos estruturados e produções de garagem. Uma das propriedades que ajudam a contar essa história é a Monte Xanic, pioneira na produção de vinhos premium no México. A propriedade é deslumbrante, cercada por montanhas refletidas em espelhos d'água que criam um cenário cinematográfico.



BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET



Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou revistaunquiet.com.br

AVENTURA

Areias de silêncio: desvendando a Mauritânia

*Uma jornada de reflexões pelo
Deserto do Saara, entre ecos da cultura berbere,
paisagens dramáticas e rituais do povo mauritano*

POR CORINNA SAGESSER
FOTOS MARINA BANDEIRA KLINK





“O Deserto do Saara, formado por um mar de areia infinito, é o lugar onde o sol arde como fogo, onde a paisagem é vasta e árida, sem fronteiras.

Onde o vento sussurra segredos antigos, onde dunas se erguem como ondas de um oceano petrificado e se estendem até o horizonte sem jamais encontrar um fim. Um labirinto de areia e pedras onde encontramos a paz interior.

O Saara é um lugar de magia, onde o espírito se eleva e se liberta.”

Foi esse trecho poético que me inspirou e me levou até a Mauritânia para conhecer o maior deserto quente do planeta. Foram dias de pura aventura, num dos países menos visitados no mundo.

Banhada pelo Oceano Atlântico, a Mauritânia faz fronteira com a Argélia, o Mali e o Senegal. A população é formada por 99%

de muçulmanos e as principais atividades econômicas são a mineração (ferro e cobre) e a pesca, com mais de 130 mil toneladas exportadas por ano. A cultura local é profusa, com uma mistura de influências árabes, berberes e africanas. A língua oficial é o árabe, mas o francês também é utilizado, especialmente para negócios, já que a região foi um protetorado da França entre 1903 e 1960, quando se tornou independente.



Acima, os barcos que, segundo a tradição, quanto mais coloridos, mais sorte atraem aos pescadores



Acima, barcos de pesca rumo a mais um dia de atividades e, ao lado, venda de peixes no mercado de Nouakchott



ENTRE O DESERTO E O MAR

Em um voo saído de Paris, cheguei à capital, Nouakchott, onde comecei a minha viagem. Nosso grupo era formado por sete pessoas, mais três carros com motoristas, um guia e um cozinheiro, com a proposta de oferecer o máximo de conforto possível, em um destino tão incomum e com quase nenhuma estrutura turística.

O primeiro dia começou com uma visita ao mercado de peixes, onde centenas de barcos de pesca coloridos chegavam para descarregar os pescados, em meio a uma multidão de pessoas vendendo, comprando ou apenas sentadas, em conversas informais. Segundo o costume local, quanto mais coloridos são os barcos e as pirogas, mais sorte trazem para uma boa pescaria.

Saindo de lá, colocamos o pé na estrada, rumo à Praia PK 100, onde nosso almoço aconteceu à beira-mar, brindado pelo espetáculo do contraste entre as dunas alaranjadas e o céu incrivelmente azul. Após o almoço, seguimos por estradas *off-road* até o hotel em Chami, onde ficaríamos por uma noite. Saímos cedo para conhecer o Parque Nacional Banc d'Arguin, um Patrimônio Mundial da Unesco. Embarcamos num barco a vela típico, chamado de *tamunanet*, ou faluca, e navegamos num silêncio



completo até a Ilha de Tidrat, um santuário com mais de 120 espécies de aves migratórias. Na volta, almoçamos no pequeno vilarejo e de lá rumamos à cidade de Akjoujt.

No dia seguinte, tomamos o café da manhã e pegamos a estrada novamente, rodando 350 km pelo deserto, entre cânions e pequenos oásis. No caminho, fizemos uma parada num acampamento nômade, onde fomos convidados para a cerimônia do chá. Uma coisa interessante é que, em todos os lugares onde parávamos, sempre nos eram oferecidos chá e tâmaras, parte do ritual diário dos mauritanos. E o chá é sempre servido com muito açúcar, outro costume local. E, quanto mais doce, melhor.

Nesse trajeto, fomos contemplados com uma das paisagens mais incríveis da viagem: o Deserto de Amatlich e suas dunas gigantescas. Foi um momento de pura contemplação e silêncio. A viagem seguiu por paisagens que lembravam muito a Chapada Diamantina, na Bahia, entre montanhas e cânions, de uma beleza ímpar, a cada trecho percorrido.



Acima, mesquita do século XII nos arredores de Chinguetti e cerimônia tradicional do chá em uma tribo berbere. Na página ao lado, a Praia PK 100, totalmente deserta, e passeio até o Parque Nacional Banc d'Arguin em uma faluca tradicional



CIDADE DO SABER

Nossa jornada culminou com a chegada à cidade de Chinguetti, fundada no século XII e considerada também um Patrimônio da Unesco. Ela foi uma importante rota de comércio de sal, tecidos e livros, além de um percurso para as caravanas que cruzavam o Saara em camelos, vindas do Mali, da Argélia e do Marrocos. Considerada a sétima cidade mais importante do Islã (é conhecida como “a cidade do saber”), Chinguetti tem museus e bibliotecas que guardam versões do Corão (o livro sagrado dos muçulmanos) com mais de mil anos. Muitos desses livros e manuscritos pertencem à mesma família por 16 gerações ou mais e são verdadeiros tesouros.

Caminhamos em ruas de areia com casas feitas de pedras, numa atmosfera mágica e repleta de histórias. Visitamos o *souq* e fomos recebidos por mulheres que falavam sem parar, enquanto vendiam seus tecidos e artesanatos, sempre muito coloridos.

Ao final do dia, fizemos um passeio de camelo sob um pôr do sol vermelho, no melhor estilo berbere. Para fechar com chave de ouro, fomos convidados a participar de uma festa típica, com muitas danças e tambores, acompanhados de canções femininas e alegria.

Fundada no século XII, Chinguetti é conhecida como “a cidade do saber” e tem museus que guardam relíquias sagradas do islã

Acima, livro com mais de mil anos entre as relíquias de museu em Chinguetti e textos do Corão. Na página ao lado, nômades cruzam o deserto na companhia de seus camelos





O “olho da África”
é formado por
três círculos
concêntricos, com
mais de 50 km de
diâmetro, que só
podem ser avistados
do espaço

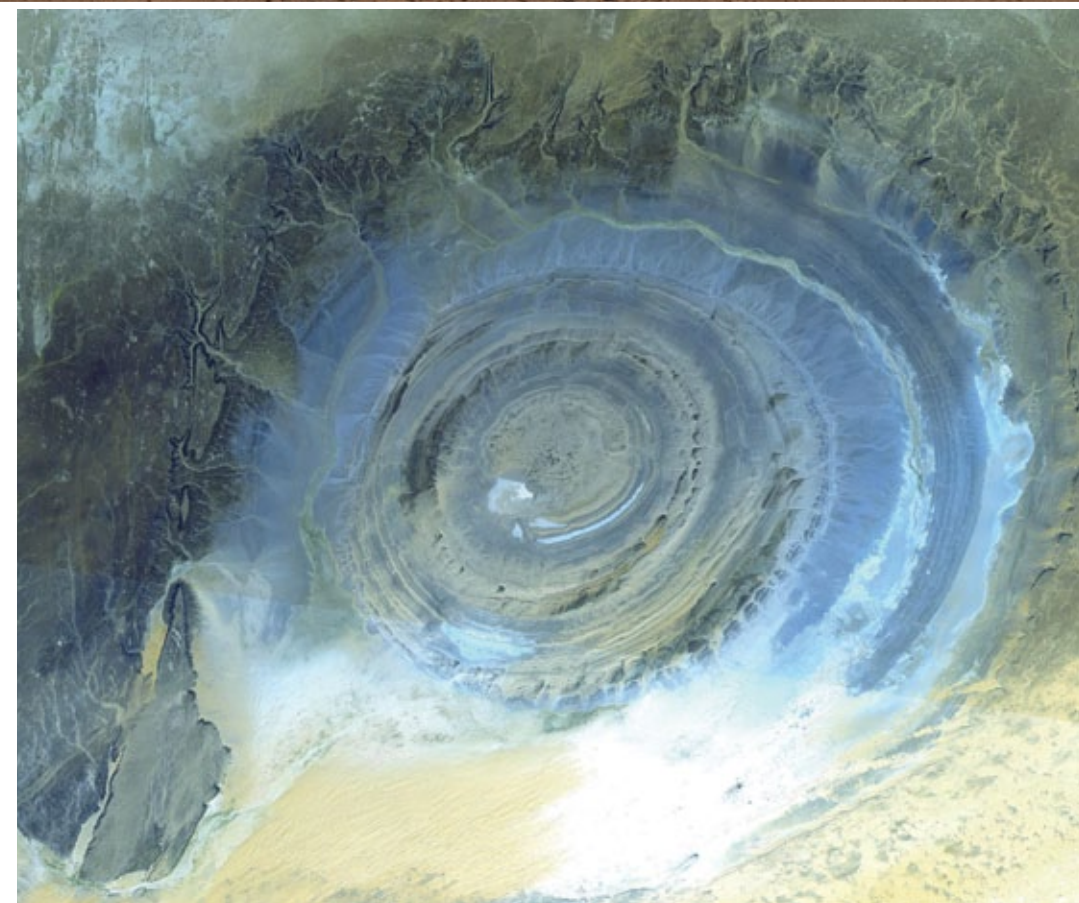
O OLHO DA ÁFRICA

No dia seguinte bem cedo, seguimos viagem, dessa vez em direção a Ouadane. Antes de chegar à “cidade oásis”, fizemos algumas paradas em vilarejos berberes no meio do deserto. Ouadane é o oásis mais remoto da Mauritânia, com casas de pedras parcialmente em ruínas. Fundado em 1147, o vilarejo também foi um entreposto para as caravanas que cruzavam o Saara e nos serviu de pernoite antes de um dos momentos mais esperados da viagem: visitar o lendário Guelb er Richât. Conhecido como o “olho da África”, ele é formado por três círculos concêntricos, com mais de 50 km de diâmetro, que só podem ser avistados em sua totalidade no espaço. A teoria mais recente sobre o surgimento dessa estrutura é que ali havia um vulcão, que colapsou mais de 70 milhões de anos atrás e formou uma cratera gigantesca, com rochas que remontam a mais de 1 bilhão de anos. Nesse momento, me emocionei e me senti pequena e agradecida por poder conhecer um lugar único no planeta.

De Ouadane, no dia seguinte, fomos para Atar, de novo desbravando uma região de montanhas, cânions e desfiladeiros, sempre acompanhados de um céu azul absurdo. Fizemos uma parada no caminho para conhecer o Passo de Amojjar, um sítio arqueológico com pinturas rupestres de 6 mil anos. Ele abriga vestígios de



Na página ao
lado, mulheres
muçulmanas
vendem
artesanato na
porta do *souq*
de Chinguetti.
Acima, as
formações de
Guelb er Richât,
o lendário “olho
da África”,
e, ao lado,
vista espacial
do mesmo
fenômeno





Ao lado, todo o trajeto é feito por estradas que passam por entre cânions e chapadas, e a estrutura de pedra da cidade antiga de Ouatane, do século XII. Na página ao lado, inscrições rupestres de 6 mil anos atrás no Passo de Amojjar

desenhos geométricos e de animais, como girafas e crocodilos, que foram pintados usando sangue e pó de pedras vermelhas. Esse tipo de pintura confirma que, no passado, o lugar era uma savana com uma variada vida animal e que, no decorrer dos séculos, ela virou um deserto. No mesmo trajeto, paramos no Oásis El Berbara, que, segundo o naturalista e explorador francês Theodore Monod, seria “o lugar mais isolado, o mais indiscutivelmente distante do que chamamos de mundo”.

Em Atar, visitamos o mercado, onde há uma profusão enorme de tecidos, especiarias e utensílios, para logo seguirmos a estrada. Passamos por planaltos rochosos, mais cânions e dunas, dessa vez em direção a Azougui, cidade fundada no século XI, de onde tribos berberes saíram rumo ao norte africano para estabelecer as cidades de Marrakesh e Sevilha, esta na região da Andaluzia. Partimos bem cedo, pois o dia seria longo – mais de dez horas de viagem, passando pelo Vale Branco, em direção a Nouakchott, nosso destino final.

Na capital, conhecemos o Museu Nacional, que tem uma incrível coleção de artefatos arqueológicos e tecidos, que datam desde a pré-história até os dias de hoje. Finalizamos uma longa viagem pelo tempo e pela história milenar da Mauritânia, um lugar que me ensinou a apreciar a simplicidade e a grandiosidade do deserto. 📍

mundus.com.br
@mundustravel





NATUREZA

Pausa na Savana

*Em uma concessão privada no Parque Nacional do Kruger,
na África do Sul, o bem-estar se encontra
no puro e simples estar na natureza*

TEXTO CAROLINA SAGESSER RODRIGUES
FOTOS VICTOR COLLOR

O grunhido dos hipopótamos e a alvorada avermelhada anunciam: está na hora de acordar. São 5 e meia da manhã, um horário ingrato para ser perturbada, logo nas férias, mas os momentos que seriam vividos em seguida garantem que eu me levante feliz e empolgada. Visto-me com roupas leves e de tons terrosos para não destoar do ambiente. Complemento o conforto com o chapéu que está disponível na saída do meu ninho. Afinal, o dia promete ser quente e solar. Caminho pela passarela longa e integrada aos arbustos e aos capins dourados, enfeitada pelos primeiros aromas de terra seca. Enquanto aguardo meus companheiros, tomo um rápido café com leite ao lado dos “ladrões da região”, os macacos-vervet. Logo me acomodo no jipe 4x4 para mais um dia extraordinariamente comum que se inicia na savana sul-africana.

O *safari*, ou “jornada”, traduzido do suaíli, começa antes disso. O impulso de estar na savana é um chamado ancestral do corpo, de retorno ao mundo natural. Mergulhados em tecnologias, tarefas imediatas e conteúdos infinitos, viajar para a natureza vai além de pausas e respiros – transformou-se em uma necessidade de sobrevivência. É como reencontrar um estado selvagem, do qual nos distanciamos tanto que nos esquecemos de que compomos

uma espécie e não existe separação entre nenhuma das que habitam o mundo. Pelo menos, é o que o meu corpo anseia de tempos em tempos.

CONSERVAÇÃO E PERMANÊNCIA

Dessa vez, a minha volta ao bem-estar humano aconteceu em um dos principais parques nacionais de vida selvagem do mundo, o Kruger. Mais especificamente, em uma das concessões privadas da tradicional marca Singita, localizada na parte leste, na fronteira com Moçambique.

Embarcada em um avião pequeno, voou em torno de uma hora a partir de Joanesburgo e logo sou apresentada a Amy, minha guia nos próximos dias. Enquanto nos dirigimos ao destino final, ela me explica sobre a formação de basalto, um tipo maduro e fértil de paisagem, que cria o habitat ideal para os animais. Pelas janelas do jipe, já avisto alguns deles e chego ao Singita Lebombo, um lodge aberto em 2001. Recém-reformado, sua estética contemporânea e inovadora apresenta uma paleta cinza, marrom e bege, mesclada com madeira, aço e vidro. Seus espaços, amplos e abertos, destacam e estendem o horizonte, e já não existem barreiras entre a natureza e os humanos.

O combinado entre a empresa e o governo é que apenas os hóspedes possuam acesso à área de mais de 13 mil hectares e, em troca, o Singita tenha responsabilidade com a conservação da fauna e flora.

Manadas de elefantes cruzam tranquilamente o parque em meio à savana preservada. Ao lado, elefante recém-nascido ao lado da mãe



“A conservação exige um foco preciso em manter o turismo e a vida selvagem em um equilíbrio construtivo. A sobrevivência de cada um é crucial para a sobrevivência do todo”

Jo Bailes, CEO Singita





Acima, o anoitecer que muda os tons, os sons e os movimentos da savana. Na página ao lado, grupo de leões devora a caça do dia, e um crocodilo



Além de se engajar rigorosamente com o meio ambiente, o Singita vai além: apoia as comunidades locais por meio do Singita Lowveld Trust e capacita jovens em hospitalidade e gastronomia por meio do programa Singita Community Culinary School. O verdadeiro luxo nos dias de hoje.

Cada canto da propriedade é um convite contínuo para o olhar se ancorar na planície. As 13 vilas estão cravadas sobre um penhasco à beira do Rio N’Wanetsi, inspiradas em ninhos de águias. Envidraçadas, parte da experiência está em relaxar na banheira, saborear um chá antes de dormir, acordar com as cortinas abertas, tomar um café especial no terraço, flutuar com as fragrâncias colocadas pelas camareiras à noite, no compasso em que a savana vive. Se preferir, o centro de *wellness* conta com uma academia ampla, sauna e diversos tratamentos terapêuticos. Ainda no *lodge*, uma piscina de borda infinita é o refresco pedido durante o dia, enquanto a gastronomia – incluindo a degustação de rótulos especiais de vinho – é o acolhimento pedido para finalizar o dia.

SENTIR A SAVANA

Este é o propósito de quem está lá: imergir com consciência no entorno. Tenho quatro dias no “lugar de milagres”, a tradução da palavra *singita* em shangaan, e faço saídas para ver o que a natureza me reserva logo cedo e no fim do dia, horários em que os animais estão mais ativos. Girafas, antílopes, leões, rinocerontes, pássaros de todas as cores e tamanhos, zebras, babuínos e o raro leopardo são alguns dos seres com os quais troco olhares e compartilho a presença durante as jornadas. O que mais gosto nessas viagens é escolher passar mais tempo em cenas específicas, o que talvez diminua a minha chance de ver uma variedade maior de animais. Mas, como diz um ditado esquecido, a pressa é inimiga da perfeição.



Em uma delas, observo um bando de leões adultos com alguns adolescentes. O sol está quase tocando o horizonte e elas estão inquietas, brigando contra as moscas: uma situação curiosa, considerando o tamanho dos animais descritos. Rabos se chicoteiam, barrigas rolam de um lado para o outro, até que uma delas, determinada, corre e escala uma árvore, um comportamento tão atípico para um leão que até a guia tira o celular do bolso e registra o momento. Outras tentam copiar, mas desistem, e o bando decide que é hora de mudar de lugar. Ela claramente não sabe como refazer seus passos: aposta em uma esticada de perna de um lado, olha para outro e, enfim, salta de volta ao chão.

Em outra manhã, Amy propõe sentir a savana de outra forma: a pé. A ideia não é identificar animais, mas realizar uma meditação ativa e reparar nos outros elementos que compõem o bioma, como insetos, a vegetação e os tipos de erosão. Iniciamos pelo alto de um desfiladeiro e terminamos à beira de um rio, acompanhados por cabeças de hipopótamos – e suas orelhas em formato de cone – e pegadas frescas de um leão adulto. Sou surpreendida por uma mesa de café da manhã e tapetes de ioga e sigo para uma prática rápida, que me aterra tanto à energia do lugar que me entrego à savasana, hipnotizada por to-

Apenas hóspedes possuem acesso à área de concessão de mais de 13 mil hectares, sob a responsabilidade de conservação do Singita

Acima hipopótamos no rio. Na página ao lado, família de rinocerontes, que têm seus chifres cortados para evitar caçadores e a ousadia de uma leoa sobre uma árvore



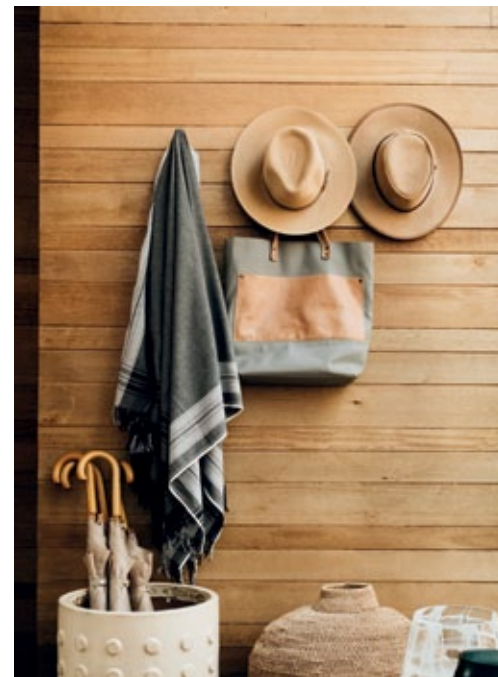
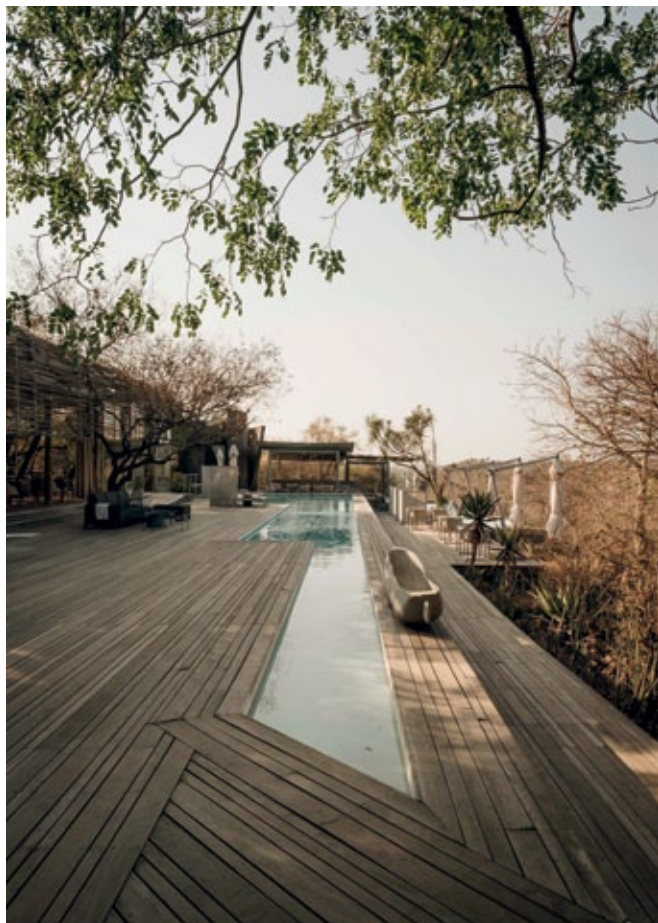


Em sentido horário,
macaco-vervet,
cobo-d'água, leões e
rolieiro-de-peito-lilás:
diversidade e cores
na fauna da savana



Duas girafas “se abraçam”
ao pôr do sol





dos os sons e aromas que consigo identificar.

A espera é a responsável por momentos memoráveis. Dois rinocerontes, uma espécie cada vez mais difícil de ver por causa da caça ilegal, guardavam o seu filhote, intuitivamente armando uma barreira entre ele e o jipe. Percebendo que não éramos uma ameaça, o pequeno foi aos poucos mostrando suas formas. O mesmo aconteceu com uma manada de elefantes e um bebê com dias de vida, que buscava a fortaleza do corpo da mãe para se esconder. Com o tempo necessário para se acostumar à presença do

jipe, ele tomou coragem para andar mais livre, à medida que aprendia a lidar com os seus movimentos.

A verdade é que a real magia não está nas telas, mas em estar no mundo. Amy me convida a cobrir a noite com as pálpebras. Sem pensar, obedeço, imaginando que a cena a seguir seria algo grandioso. Quando ela me convida a revelá-la, encontro centenas de luzes piscantes no ar, produzidas por criaturas encantadas, que são os vagalumes. Esses sim são os acontecimentos que espontaneamente vibram na nossa alma. 📍

Acima, detalhes do quarto e vista do lodge a partir do Rio N' Wanetsi. Na página ao lado, elegância e estilo contemporâneos nas áreas comuns e nos quartos do Singita Lebombo

BENEFÍCIOS
EXCLUSIVOS UNQUIET



Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou revistaunquiet.com.br



O Grande Encontro

Ao apadrinhar uma pequena refugiada tibetana, que conheceu durante um trekking pelo Himalaia, o empresário Ruy Tone mudou para sempre dois destinos: o dela e o dele

POR RUY TONE ILUSTRAÇÃO JAIME DIAKARA

Foi o acaso? Ou o popular “quem procura acha”? Há quase 30 anos, em minha primeira incursão pela Ásia e pelo Himalaia, fiz um trekking pelos Annapurnas e, ao final, vi-me em Pokhara, perambulando no entorno do Lago Pfewa. Observei, de forma curiosa, as desventuras de algumas vendedoras que trajavam vestimentas que, até então, me eram desconhecidas. Abordando os turistas que chegavam para ver a beleza do lago, mas sem sucesso nas vendas, sugeri a elas que almoçassem comigo em um restaurante próximo. Uma indenização pela não-compra. Uma delas aceitou e, durante a refeição, contou-me que os trajes eram de origem tibetana: eram moradoras de um acampamento de refugiados tibetanos. Minha curiosidade aguçou e, ao indagar a possibilidade de uma visita, ela foi simpática e afirmativa e me conduziu para o Parjoling Refugee Camp, onde, entre as pessoas que me apresentou, havia uma tímida menina, então com 5 anos. Sua filha, Tsering Tsomo.

Dali nasceu uma relação que perdura até hoje. Foram várias visitas acompanhando a evolução escolar, saindo desde a pequena escola do campo de refugiados até a escola internacional, em Kathmandu, e a faculdade de enfermagem, em Bangalore. Houve um ponto de inflexão maior, um trekking pelo reino de Mustang, um enclave no Nepal, para celebrar a maioridade dela, em um dos poucos territórios que poderia adentrar de posse apenas do RC (*refugee card*). Nessa caminhada, houve um processo de amadurecimento de relação de pai e filha, de escolhas e caminhos possíveis na vida. Um percurso de mais de 200 km, em altitude, duríssimo, mas que fortaleceu o relacionamento

que passou a existir entre nós. E definiu também a escolha da profissão: enfermeira.

Entender o porquê de se dedicar a uma pessoa que não é biologicamente ligada a você apenas amadurece e fortalece o entendimento de como é difícil, às vezes, a vida de alguém diante da burocracia instalada neste planeta. Nascida sem direito à cidadania e sem passaporte, ela não poderia trabalhar de forma legal no Nepal, mesmo se graduada em uma universidade do país. Por isso, pela possibilidade de legalidade de trabalho, buscou a graduação na Índia. No entanto, pouco após o início, ligou um dia, triste e consternada, disposta a abandonar o curso. Tinham baixado na Índia a mesma tipologia de lei, dificultando o acesso ao trabalho legalizado a pessoas como ela, perdidas entre a diáspora da migração forçada e a origem de nascença como refugiada no destino escolhido. Ela, assim como eu, é a terceira geração no país da diáspora. Ela, em um tom de cortar o coração, questionou-me que mundo era esse, que lhe negava, sucessivamente, o direito a uma cidadania e a um passaporte para circular de forma livre por aí. Ela nasceu na negação de direitos. Não pude responder.

A volta por cima aconteceu como fruto da pandemia e da profissão escolhida, que a colocou na rota do trabalho legalizado, mesmo sem passaporte, no Reino Unido. Trabalhando na profissão formada, em um hospital de Manchester, se sustentando e ajudando a família, ela é uma demonstração de que podemos participar ativamente na melhora do mundo ao nos envolvermos mais com as pessoas dos destinos visitados. 9



Inspiradores



FOTO: ALAMY/FOTOARENA

JANE GOODALL (1934-2025)

Algumas pessoas atravessam o mundo deixando trilhas de luz. Jane Goodall foi uma delas. Primatóloga, etóloga, conservacionista e Mensageira da Paz da ONU, dedicou mais de seis décadas a compreender e proteger os chimpanzés, a natureza e, em última instância, a própria humanidade, levando uma vida completamente devotada ao planeta.

Seu trabalho revolucionário começou em 1960, na então Tanganica (atual Tanzânia), quando iniciou as observações de campo que redefiniriam o comportamento dos chimpanzés e, por consequência, a própria compreensão do que significa ser humano. Em Gombe, ela registrou complexidades sociais, vínculos afetivos, disputas de poder, perdas, luto e até atos de violência entre os primatas. Foi chamada de “a mulher que redefiniu o homem”, justamente por revelar que emoções e estruturas sociais antes consideradas exclusivamente humanas eram compartilhadas com nossos parentes evolutivos. Ao nomear os animais e reconhecer suas singularidades, Jane rompeu paradigmas científicos e inaugurou uma nova forma de observar a vida selvagem.

Essa sensibilidade vinha de longe. Crescida em Bournemouth, Inglaterra, em uma casa cheia de mulheres fortes, aprendeu cedo a sonhar grande e a buscar aventuras que ultrapassavam fronteiras. Ali nasceram as primeiras observações cuidadosas — as minhocas escondidas sob o travesseiro, o pássaro que ganhou um ninho improvisado na estante, o cão Rusty, seu “primeiro professor”.

Em campo, vivia com o mínimo, andando descalça pela floresta e guiada por um profundo senso de propósito. Atuou para encerrar o uso de chimpanzés em pesquisas médicas nos Estados Unidos e mobilizou líderes para combater o comércio de carne selvagem africana. Para ela, proteger os animais era uma extensão natural da própria humanidade.

Discreta e absolutamente revolucionária, Jane Goodall percorreu o mundo movida por ética, respeito e encantamento. Sua existência inteira foi guiada por este chamado: proteger a natureza e evitar que o mundo se destruísse. E assim o fez, até o fim, com a mesma leveza com que caminhava na mata e a mesma força com que transformou a ciência, a conservação e a consciência coletiva. 📍

NASCIDA NAS PISTAS. LIBERTADA NO ASFALTO.

newton



CVO™ ROAD GLIDE™ ST 2026

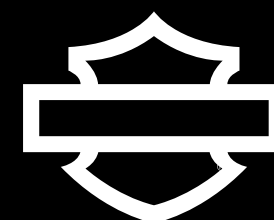
AGENDE UM TEST RIDE

ACESSE: [HARLEY-DAVIDSON.COM](https://www.harley-davidson.com)



DESACELERE.
SEU BEM MAIOR É A VIDA.

Imagens meramente ilustrativas. Os veículos apresentados poderão variar visualmente e diferir dos veículos fabricados e entregues. A disponibilidade pode variar conforme o mercado local.





A GOL anuncia seu novo destino: o mundo.



Voe direto para Nova York,
tenha uma experiência única com
a nova classe Business Insignia
e maior conforto enquanto degusta
a mais alta gastronomia brasileira.

Business Insignia



Inteligência
faz a gente voar

Agora pelo mundo.

GOL

Linhas Aéreas Inteligentes